

Juliana Heleno dos Santos

Entre vistas

sobre a maternidade solo na
sociedade brasileira pós-moderna



Juliana Heleno dos Santos

Entre vistas

sobre a maternidade solo na
sociedade brasileira pós-moderna

Goiânia, 2022

Orientação

Prof^a Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Revisão

Silvana Monteiro

Capa

Foto de FW studio Unsplash

Diagramação

Thálitha Miranda

SANTOS, Juliana. Entre vistas: sobre a maternidade solo na sociedade brasileira pós-moderna.

Goiânia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2022.

115 pgs 14x21 cm

1.Livro-reportagem, 2. Jornalismo Literário, 3. Educação, 4. Docente, 5. Precarização, 6. Pandemia, 7.Goiás.

Esta obra é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientada pela professora Mestra Maria Carolina Giliolli Goos.
[2022]

Sumário

Agradecimentos.....	5
Apresentação.....	7
Memorial Reflexivo.....	8
Capítulo 1 “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”.....	16
Capítulo 2 Quando nasce a mãe, morre a mulher!	26
Capítulo 3 A maternidade passa por um ser que não é só mãe	36
Capítulo 4 Da educação pautada na fé, no exemplo e no direito de escolha dos filhos	42
Capítulo 6 Da gravidez não planejada no auge das expectativas da vida	61
Capítulo 7 Tudo o que o inferno representa está contido na palavra abandono.....	67
Capítulo 8 Você nunca sabe quando se tornará a próxima ‘louca’ na lista de um covarde	79
Capítulo 9 Aborto masculino: uma realidade que não aceita maquiagem	94

Agradecimentos

Por seus incentivos para que esse trabalho pudesse existir, agradeço às minhas famílias de sangue e de coração; aos professores que tive em minha vida acadêmica, desde o jardim de infância à minha querida orientadora. Agradeço ainda à Franciele Nunes, Heloisa Reinaldo, Maurina Brito, Silvana Monteiro, Tatiele Escobar, Thálitha Miranda, Vitória Hully e Yorrana Maia.

Minha caminhada pela universidade teria sido muito mais árdua sem o apoio de vocês. Muito, muito, muito obrigada por tudo!

Dedicatória

Dedico este livro, com tudo de melhor que há em mim, à Clara Dawn, Doracino Naves, Isaias Ribeiro, Jenny Teixeira Guimarães, Maria da Glória Ribeiro dos Santos e à todas as mães que enfrentam a vida sob as demandas da maternidade, em especial, às oito mulheres que aceitaram nos contar suas histórias aqui.

Apresentação

Este livro é o resultado da parte teórica do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, do ano de 2022, em Goiânia, sob as orientações da professora Carolina Goos.

O trabalho tem como proposta apresentar histórias e relatos de mães solo por meio de textos perfis, entrevistas e dados disponíveis sobre o assunto. A escolha do tema se deu por um motivo particular, sabe? É que eu sou filha de mãe solo. Uma mulher preta, de baixa renda e que, para me proporcionar acessos, sempre trabalhou como empregada doméstica.

Pretende-se também, trazer conceitos sobre a maternidade solo e suas implicações, assim como provocações acerca do tema: o que será que significa ser mãe? Como se exerce essa função? Por que será que mulheres são mais cobradas que homens com relação à educação dos filhos? O que uma criança enfrenta a partir do abandono ou da ausência paterna? Como a sociedade pode se envolver nessa questão e atuar como rede de apoio para quem precisa?

De acordo com um dos dicionários on-line de português, maternidade é um substantivo feminino e significa: *“Estado, qualidade de ser mãe. Laço que liga a mãe aos filhos. Ação de pôr uma criança no mundo. Estabelecimento hospitalar onde se fazem partos”*.

E “*mãe solteira*”, você já ouviu essa expressão por aí? Se não, é o nome dado popularmente para mulheres que criam seus filhos sozinhas, ou seja, sem a participação do pai da criança. O curioso é que maternidade não é um estado civil, como divorciada ou viúva, por exemplo. Assim como um casal estar junto também não significa que o homem colabora de maneira satisfatória na criação dos filhos.

Vale lembrar que este trabalho não quer, de maneira alguma, fazer algum tipo de juízo de caráter sobre quem cria um filho sozinha ou sobre quem também não exerce essa função. Neste caso, as técnicas jornalísticas que tenho aprendido durante a graduação e agora vou desenvolver mais a fundo, vão servir como ferramentas de fala ou dar ainda mais potência para quem está jogando luz no assunto e seus derivados.

Eu ainda não sou mãe, mas acredito que a maternagem pode ser uma experiência incrível, independente da maneira que acontecer, e são as histórias por trás dessas maneiras de maternas, de como ocorreu, que quero escutar e ser capaz de transmitir para quem se propuser a ler esse livro e refletir com as narrativas nele presentes. A cada ventre, uma oportunidade de nos tonarmos um pouco mais humanos.

Memorial Reflexivo

“Faça um diário de bordo”. Este foi um dos inúmeros conselhos que a Carol Goos, minha orientadora, me deu e que, como boa orientanda que sou, não segui. Risos. Mas agora eu vejo que teria sido bom seguir. É que sentada diante do notebook, não sei por onde começar esse memorial. A sensação que tenho é que muita coisa precisa ser dita e ao mesmo tempo, parece que eu já disse demais, sabe? E não quero ser repetitiva, muito embora isso seja impossível para qualquer ser humano que se preze.

Vou começar falando sobre a Carol, então, porque isso me dá uma boa linha do tempo. Nós nos conhecemos em 21 de fevereiro de 2018. Era uma quarta-feira e Carol estava completando mais um ano de vida. Sempre brinco que ela me ganhou de presente. Naquela tarde, estava acontecendo, no Centro de Convenções de Goiânia, a Feira do Estudante ou coisa parecida. Lembro que era um evento com um monte de barraquinhas de faculdade e gente explicando sobre os cursos que cada instituição oferecia.

Eu, que estava acompanhada de duas amigas e da mãe de uma delas, pedi para que me avisassem quando passássemos perto do stand da PUC. Eu já sabia que cursaria jornalismo e tinha quase certeza que seria na Pontifícia. Não deu outra, quando uma de minhas amigas avistou a plaquinha da Católica, me avisou e nós fomos até lá. Eu estaria

mentindo se dissesse que meu coração não bateu até fora do ritmo, porque bateu, sim. Não sei nem descrever como foram os segundos até chegarmos na barraquinha.

Quem nos recebeu, não me lembro com clareza, mas me recordo que assim que falei que gostaria de cursar jornalismo, disseram que havia uma professora do curso ali no momento e a chamaram. Ah, foi encanto ao primeiro contato, vai, porque à primeira vista eu estaria forçando a barra, né? Carol, com toda paciência que se tem que ter quando se está diante de uma adolescente em êxtase, relatou um pouco as vivências jornalísticas para mim e o que eu aprenderia ao longo dos quatro anos de graduação.

Por mim, nós teríamos puxado uma cadeira, entrando no sistema da PUC e feito minha matrícula naquele momento mesmo. Quem precisa terminar o terceiro ano do ensino médio? Quem precisa? Mas, como nem tudo são flores nessa vida e tudo exige um processo, Carol e eu nos despedimos. No entanto, não foi qualquer despedida, meus amigos. Não, nós tiramos uma foto juntas e ela disse em alto e bom som: *“Te espero ano que vem”*. Foi quase tão bom quanto ouvir que eu estava ganhando um lugar no céu.

Como canceriana que sou, sonhadora sem tanto, pensei naquele encontro por dias, semanas, meses a fio e não estou exagerando. Já colocando minha habilidade de investigação a jogo, achei dona Carolina no Facebook e, de vez em quando, nós conversávamos. Meu mundo caiu quando eu soube que ela iria para Paris. Como que ela poderia fazer isso comigo, poxa? E o nosso combinado? Quem me esperaria

na PUC agora? Hoje rememoro isso e rio de mim mesma, claro. Tadinha.

Eis que o tempo passou, eu fui aprovada no vestibular e assim que vi o resultado, contei para Carol. Afinal, na minha cabeça, já éramos mais que amigas, “friends”. Sempre afetuosa, ela me parabenizou pela conquista e desejou boa sorte. Já aluna da Pontifícia, eu ouvia nos corredores que Carol voltaria para a universidade. Eu sentia um frio na barriga de imaginar que talvez não desse tempo dela retornar com prazo da gente se encontrar numa sala de aula, mas gostava de manter essa esperança viva.

Por intervenção de Maria Antonieta ou pensamento positivo, vai saber, quando eu estava no terceiro período, Carol voltou e já voltou assumindo uma disciplina em que eu estava matriculada naquele semestre. De novo, meu coração bateu até mais acelerado. Mas como a expectativa é sempre diferente da realidade e eu havia feito muitas conjecturas, diga-se de passagem, nós acabamos tendo nossos altos e baixos naquele semestre. Não tenho vergonha de dizer isso, porque Carol e eu já conversamos abertamente sobre nossos sentimentos e nos acolhemos. É que, além de professora, às vezes ela também parece que é formada em psicologia, sabe?

Daí para frente, nós nos encontramos mais algumas vezes em sala. Acho que ela ministrou umas duas ou três disciplinas para mim. Alguns dias foram incríveis e outros nem tanto assim. Mas sei que existe uma Juliana antes e uma após dona Carolina Goos e todas as reflexões que ela nos provocou a ter. Ela sempre nos deu espaço para debater e criticar o que julgássemos necessário. E jamais fez diferenciação entre um ou outro estudante. Jamais. Tratou a cada um de nós com a

singularidade que os indivíduos têm que ser tratados.

E, claro, por conta de nossa afinidade anterior à PUC, quando comecei a pensar em quem escolher para ser minha orientadora, não tive dúvidas: tinha que ser Maria Carolina. Fiz o convite por ligação em uma tarde de quarta-feira. Já era dezembro de 2021 e eu estava no estágio. Carol aceitou na hora e disse que não teria dúvida que meu trabalho ficaria incrível ou qualquer coisa assim.

De minha parte, confesso que demorei a encontrar o ritmo que um TCC exige. Afinal, até ano passado eu nunca havia feito um TCC, né? E fui muito mal acostumada ao longo de minha vida acadêmica, recebia tudo mastigado dos professores. Não no sentido de que faziam as coisas por mim. Não. Mas no sentido de que eu só precisava executar algo que me foi pedido antes. Não necessariamente fazer algo do zero. E isso foi muito desafiador.

Carol vivia dizendo que eu precisava romper com o ensino médio e com as amarras que eu tinha dessa época. Não era fácil ouvir isso, mas ela estava certa. E por muitas vezes, deixei a desejar com meu TCC. Sei que deixei. Existe uma diferença entre o trabalho que imaginei e o que estou entregando para a academia. Parte de mim ainda não se perdoou por toda a procrastinação que fez com que o resultado final não fosse igual ao planejado, de certa maneira.

No entanto, outra parte sabe que o que fiz, fiz com tudo de melhor que há em mim. E me orgulho disso. Eu estive presente de alma e coração em cada uma das oito entrevistas que fiz. Na primeira, lembro bem, estava bem insegura. Fiquei com medo de fazer as perguntas erradas, de deixar passar alguma coisa, de não dar conta do recado. Por diversas ve-

zes, eu falei em terapia que não me considerava capacitada o bastante para escrever um trabalho dessa magnitude e que, com certeza, eu era uma fraude.

Doutora Rayany, a Fada Sensata, psicóloga que me acompanhou por nove meses durante este ano, ouvia minhas lamúrias, fazia suas pontuações e me ajudava a refletir sobre quais eram as questões que me impediam de me entregar mais ao livro. Era bom ter com quem conversar de modo aberto toda semana e poder expor sem medo de julgamento tudo o que eu sentia com relação ao TCC e à vida. Recomendando, inclusive.

Lá pela terceira ou quinta entrevista, eu já estava um pouco mais segura com relação ao que eu estava fazendo. A cada vez que eu escutava de uma mulher que meu trabalho estava lhe dando voz, era como se eu estivesse recebendo um selo de que estava no caminho certo. Não vou mentir, teve fonte que me conquistou de tal modo, que desenvolvi amizade mesmo. Quando vi, eu já estava mandando mensagem do nada, perguntando como a pessoa estava, como ia a vida, coisa e tal.

Que me perdoem os mais conservadores, mas a parcialidade é uma lenda urbana. Jornalismo, como qualquer outra atividade humana, é feito por pessoas. E pessoas conectam-se, identificam-se, na melhor das hipóteses. E quando entendi isso, foi libertador. Porque apesar da escolha do meu tema ter surgido por um motivo pessoal, demorei a admitir que era uma pesquisa participativa, acredita?

Minhas entrevistadas me contaram as histórias de suas vidas, as histórias das vidas de suas crias. E no meio disso tudo, vinha um ou outro caso, uma ou outra conversa fiada e os meus próprios relatos.

Carol, é bom ressaltar, sempre insistiu para que houvesse um capítulo meu. É claro que isso também foi tema de muitas sessões de terapia. Eu não tinha certeza de que queria contar minha história. Não parecia certo, sei lá.

Mas depois de ouvir tão profundamente tantas mulheres, resolvi que seria justo se eu fizesse o mesmo movimento. É escrever as memórias do que já vivi até aqui foi muito importante. É meio piegas dizer isso, mas se não fossem os encontros e os desencontros que me aconteceram em pouco mais de 22 anos de existência, eu não seria quem sou hoje. E, cá pra nós, como diria meu querido Antônio Carlos, coordenador do curso de Jornalismo, gosto bastante de quem estou me tornando e acho válido celebrar.

Fazendo um trocadilho com o tema da maternidade, parir um TCC também não é fácil. Houve lágrimas, pequenos surtos, vontade de desistir e mais para a reta final, noites e noites de insônia. Houve dias em que eu estava insuportável. Simplesmente insuportável. Com o humor abaixo da linha do asfalto. Mas também houve momentos de ganhos e de muita troca. Porque o mais importante será sempre o processo e não o resultado.

E, lógico, como boa canceriana, confesso que sentirei saudades. Vou sentir saudade da PUC, mesmo reclamando todo santo dia de ter que levantar às 5h30 para ir para lá. Vou sentir saudade de encontrar minhas amigas todos os dias e de combinarmos de faltar as aulas que não considerávamos importantes ou de economizar as faltas para ficarmos mais de boa no final dos semestres.

Vou sentir saudade dos embates que eu tinha com Antônio Carlos e de ouvi-lo dizer que sou uma

figura. Na verdade, coordenador, você precisa reconhecer que minhas reivindicações eram sempre pertinentes, porque existe uma diferença entre a acessibilidade vendida pela universidade e a que é de fato oferecida pela instituição, vamos combinar. Quem vai te ajudar a fazer seu trabalho agora?

A experiência de se estar na vida enquanto uma ouvinte dela, não é exatamente a mais fácil do mundo. Perceber que professores preparam a aula de uma turma inteira e acabam, entre aspas, esquecendo de você, porque você tem uma deficiência, não é o sentimento mais agradável da face da Terra. E só quem vive sabe do que estou falando.

Em todo caso, quero frisar que valeu a pena. Valeu mesmo. Disseram que seriam os melhores quatro anos da minha vida e, tirando a parte pandêmica, foram mesmo. Eu faria tudo de novo. Sei que não vai acontecer uma grande mágica e, assim que os portões da faculdade se fecharem para mim, os do mercado vão se abrir. Não. Mas também sei que agora estou um pouco mais preparada para entrar no personagem de uma jornalista do que eu estava quando cruzei as catracas do campus V pela primeira vez. Risos.

Uma vez filha da PUC, sempre filha da PUC e, como família a gente não escolhe, agradeço por tudo o que aprendi, vivi e tentei aprender ou viver por entre os corredores e as salas. Como modéstia não é meu forte, espero que a instituição não seja a mesma após minha passagem e que faça mais e melhor por outras pessoas com deficiência que vierem a ingressar nos cursos oferecidos por nossa amada e grandiosa Pontifícia Universidade Católica

*O repórter luta contra o esquecimento.
Transforma em palavra o que era silêncio. Faz memória.
(Eliane Brum)*

Capítulo 1

“É preciso uma aldeia para se educar uma criança”

De voz firme e presença marcante, Aldete, que é natural de Porangatu, Goiás, falou comigo via Google Meet. Imaginei que ela, sendo uma mulher polivalente, poderia estar muito ocupada: corrigindo trabalhos acadêmicos das bancas que participa, preparando uma nova consultoria sobre inclusão para uma empresa ou, quem sabe, lendo a coluna de Míriam Leitão como quem lê revistinhas em quadrinhos. Mas, não naquele dia. Naquele dia, ela reservou um terço do seu tempo para trazer lume a este primeiro capítulo. E foi bem assim que ela começou:

“Meu nome é Aldete Pereira de Oliveira. Hoje eu tenho 55 anos. Fui mãe aos 35 anos de idade. Na verdade, eu nunca tive o sonho de ser mãe. Eu sempre tomei algumas precauções nesse sentido. Para não ser mãe fora de um casamento, né? Porque eu faço parte de uma geração em que os valores da sociedade ainda eram os conservadores da década de 1980, 1990, até o início dos anos 2000.

Eu sou fruto de uma família de nove irmãos. A minha mãe era uma pessoa conservadora, mas o meu pai era mente aberta e ele sempre conversou muito conosco sobre a questão de ter filhos e de não ter estabilidade. E quando eu falo em estabilidade, não falo só na questão financeira, mas principalmente psicológica, cultural”.

Aldete afirma que o seu pai a orientava a estudar, pois ela fazia parte de uma geração de mulheres que venciam na vida porque estudavam e trabalhavam. Foi exatamente por isso que, por volta dos 16 anos, enquanto a maioria das garotas está sonhando com algum astro de TV ou desejando acessórios descolados, Aldete já ingressara na sua primeira graduação: Letras.

Após concluir o curso, ela morou por um bom tempo no Estado de São Paulo, onde vivenciou um relacionamento duradouro e, embora morassem na mesma casa, não chegou a se casar com o companheiro. Em São Paulo, Aldete fez uma segunda graduação: Ciências Econômicas. Dá para acreditar? Eu brinquei com ela: *“Só mesmo sendo polivalente para transitar com facilidade entre as aéreas humanas e exatas”*. Segundo Aldete, em 1996, quando ela retornou à Goiânia, não havia muita abertura para áreas como ciências econômicas na cidade. Foi então que ela passou a atuar na área da educação, onde trabalha desde então:

“Por força das circunstâncias, inclusive, a perda do meu pai, eu voltei para Goiás. Eu cheguei em Goiânia e trabalhei como vendedora de plano de saúde e também fiz faxina... Mesmo tendo curso superior. Mas eu tive que encarar para recomeçar, para não passar fome e tudo mais. Não é fácil você mudar assim de uma hora para a outra e voltar para o mercado de trabalho”, desabafou Aldete.

“Mas voltando à questão mãe... Nesses entraves e tal, eu voltei a me relacionar. Conheci uma pessoa, que é o pai do meu filho, nos envolvemos e tivemos um relacionamento de aproximadamente um ano. Eu usando pílula anticoncepcional, mas, aos 34 anos, eu tive uma alteração hormonal. E descobri que estava grávida. Um dia, no café da manhã que eu não consegui tomar, pensei: ‘gente, mas não pode, eu uso anticoncepcional ...’ Aguardei o final de semana acabar e fui ao hospital Santa Helena, meu ginecologista atendia lá. Conte pra ele e pedi: ‘eu quero um exame pra ontem’ e ele falou: ‘olha, o mais rápido e eficaz é o Beta HC”. Então ele solicitou e foi batata. Positivo”.

Aldete afirma que não chegou a fazer teste de farmácia porque não acreditava no que havia acontecido, por ela e o parceiro usarem pílula anticoncepcional e preservativo, respectivamente. Ela diz que assim que soube da notícia quase improvável, contou para seu então namorado, sabendo de antemão que havia em si o desejo de criar seu filho sozinha:

“Quando meu filho nasceu, eu já não estava mais com o pai dele, mas mantivemos uma relação boa. E aí, de lá para cá, assumi a maternidade sozinha. A partir daquele momento, eu resolvi ser mãe solo. Eu tinha comigo que se eu engravidasse, eu não tiraria o meu filho. Por razões pessoais, eu sou contra aborto. Existem alguns casos em que eu sou totalmente favorável. Mas, nesse caso específico, eu sou contra. Então eu resolvi assumir o meu filho. E de lá para cá, eu passei a viver em função de educá-lo, formá-lo, dar a ele todas as condições para ele ser hoje, com 19 anos, o homem que ele é”.

Orgulhosa, Aldete conta que Pedro Henrique, seu filho, hoje mora em Campinas, São Paulo. Ele faz parte do grupo de 480 cadetes que estudam na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX):

“Ele já fazia o segundo ano de Engenharia na UFG. Mas ele sempre falou: ‘mãe, eu não quero fazer universidade normal. Mesmo que seja federal, eu não quero fazer. Eu quero uma universidade que me dê uma carreira nas forças armadas’. Antes ele queria ser jogador de futebol. Aos 16 anos ele desistiu. Ele não quis mais jogar e aí ele começou se preparar para entrar nas forças armadas. Ele prestou vestibular e passou na aeronáutica, passou na marinha, passou em várias universidades ligadas ao exército. Tem a ALFA, tem a ESA... Tem várias. Mas o sonho dele passou a ser EsPCEX”.

Durante os dois anos de pandemia, Aldete conta que Pedro continuou na UFG cursando Engenharia. Seu pai, orgulhoso das notas altas e das classificações que o jovem alcançava, quis que ele cursasse Medicina. Mas não teve jeito. Pedro quis entrar mesmo para o Exército Brasileiro:

“Ele começava a estudar todos os dias às 6 horas e ia até 23h30, meia-noite, 2 horas. E eu aqui junto. Eu não ia para o quarto. Eu ficava no sofá. Eu fazia leite com chocolate, chocolate quente, chá, guaraná em pó com Coca-Cola... Foi uma parceria, porque enquanto ele estivesse lutando, eu acho que era minha obrigação ser parceira dele, estar com ele, para que ele pudesse entrar onde ele quisesse”.

Quando Pedro fez a prova para ingressar na Escola de Cadetes, a concorrência era de 480 candidatos para cada vaga. Segundo sua mãe, ele teve receio de que não conseguisse alcançar seu objetivo. Otimista, Aldete dizia a Pedro que ele conseguiria sim, porque quem planta abacaxi, não colhe laranja:

“Eu sempre brincava, olha, você tem a obrigação de ser bom em tudo, como sua mãe”.

“É preciso toda uma aldeia no processo de criação de uma criança”, nos ensina um provérbio afri-

cano. E na vida de Aldete, esse provérbio faz muito sentido. A criação de Pedro se deu além dos saberes maternos e da avó, dos tios e tias. Quando Aldete engravidou, em 2001, ela morava em um apartamento no Setor Sul, com outras duas irmãs:

“Nós fomos criados para viver em união. Na minha casa, quando nós estamos todos juntos, não tem o meu carro, não tem o meu dinheiro. Não tem isso. Apesar de cada um ter a sua vida, ter a sua independência. Quando eu engravidei, conversei com as minhas irmãs, expliquei [que tentaria criar o filho sem o pai dele] e ouvi das minhas duas irmãs que na época moravam aqui: ‘você não precisa de um homem para cuidar de um filho. E nós estamos aqui’”.

Em virtude de dificuldades financeiras daquela época, Aldete dava aulas de manhã, à tarde e à noite. Crítica literária, ela também avaliava os livros da Universidade Federal de Goiás, da Universidade de Brasília, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e da Universidade Estadual de Goiás.

As avaliações aconteciam aos fins de semana, ou seja, Aldete não descansava nem mesmo aos sábados e domingos. Foram pelo menos quatro ou cinco anos nessa rotina intensa. Sua mãe e irmãs atuavam como a sua aldeia e de Pedro nesse árduo período. A rede de apoio, que é como é chamado esse auxílio para mães solo e suas crias, e neste caso é a aldeia, ainda permanece ativa:

“Pra você ter uma ideia, o meu filho foi para o exército e... assim... não é só ir. Não é só passar bem, como ele passou. É muito dispendioso, é uma despesa muito grande. Tem livros que o meu filho comprou que custam mais de mil reais. A EsPECEX é como Harvard nos Estados Unidos. Aqui no Brasil nós temos o ITA e a EsPECEX,

que são equivalentes. E as minhas irmãs já me ajudaram muito comprando livros. Quando elas não dão o dinheiro, emprestam. E eu sei que tem muitas mães que não podem contar com isso”.

Sem ter uma religião, mas com fé numa força superior, Aldete diz que sempre comenta com seus alunos que acredita que em sua vida tudo aconteceu na hora certa. Pois, estudou desde muito cedo, se formou cedo, começou a trabalhar cedo e foi mãe muito tarde. Risos:

“Eu corri atrás de todos os trios elétricos, eu viajei muito, eu conheci outros países. Eu acho que isso me deu condições psicológicas. Eu já tinha beijado muito, eu já tinha dançado muito, eu já tinha curtido muito. Então, eu realmente fui ser mãe.

E, a partir do momento em que engravidei, eu não tive dor de cabeça, eu não tive dor nas pernas, eu não tive dilatação fora de hora, eu não tive sangramento. Eu não tive nada. Eu trabalhei até o dia 8 de agosto de 2022 e só não fui trabalhar dia 9 de agosto, porque o meu parto estava agendado para as 11 horas.

E só fiz parto cesariana porque o Pedro nasceu com 4 quilos e 800 gramas e quase 60 centímetros. Imenso. Eu não conseguia ficar mais sentada. E no último mês, eu não conseguia mais dormir deitada na cama, eu dormia com os pés em uma poltrona e a cabeça nos travesseiros. Porque ele era tão grande que se eu deitasse normalmente, ele entrava debaixo da minha costela”.

A professora relembra que, quando o filho nasceu, a sua mãe veio de Porangatu ficar com ela. Saudosa, diz que nunca passou uma noite acordada, que Pedro nunca teve cólicas e que nunca precisou correr para o hospital com a criança. O segredo disso? É que quando engravidou, Aldete tratou de

cortar da alimentação açúcar, pimenta, refrigerante. Ela acredita que, por conta desse cuidado nutricional, teve uma gestação muito saudável:

“Eu não amamentei. Eu amamentei uma semana. Eu produzi muito leite, mas meu leite sumiu. O médico fez de tudo, até abrir o bico do meu seio pra ver se saía, mas eu não consegui amamentar. Ai depois de uma semana tentando, a pediatra autorizou dar outro leite pra ele. Com um mês, eu não tinha mais uma gota de leite”.

Essa fala de Aldete me fez refletir sobre algo unânime entre todas as mães entrevistadas para este trabalho que foi: “nasce uma mãe, nasce uma culpa”, então, eu a questiono se ela se sente culpada por alguma coisa. Ela responde enfática:

“Nenhuma. Nenhuma. Eu não sinto nenhuma culpa. Eu não tenho nenhuma culpa. Ao contrário. Eu vejo muitas mães que romantizam socialmente a maternidade, que pregam que é o maior amor do mundo. Realmente é um amor incondicional, sabe? Mas, eu sempre fui muito contra essa romantização. Porque tem mãe que romantiza, mas não faz uma comida para o filho, não se preocupa com a educação do filho. Enfim, essas coisas todas, cada um sabe de si.

Na minha família tem mães que romantizam, que pregam lá fora que é o maior amor do mundo, mas dentro de casa é outra coisa. Eu não. Eu nunca fui mãe de ficar o dia todo com bebê no colo, porque eu não tive tempo pra isso. Eu sempre fiz de tudo pra levar minha vida, pra cuidar de mim, mas também ser mãe 100%.

Todos os dias eu chegava em casa às 23 horas, mas eu olhava a agenda do meu filho. Olhava também se as atividades estavam todas prontas, apesar de sempre confiar muito nas minhas irmãs. Então, eu não tenho nenhuma culpa. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Eu não tenho esse sentimento”.

Aldete se considera uma mãe privilegiada por ter um filho de 19 anos que já está encaminhado na vida, já que sua geração é conhecida como nem-nem, por nem estudar e nem trabalhar e muitos jovens envolverem-se com drogas ou entregarem-se ao ócio. Ela diz que nunca forçou seu filho a coisa alguma, mas sempre o orientou a começar e ir até o fim em seus afazeres, porque não dá pra começar algo novo todo dia.

Aldete lembra que, quando Pedro desistiu de ser jogador de futebol, ela perguntou o que o jovem queria ser e, diante de sua resposta sobre a Engenharia militar, ela lhe disse que lutariam juntos por esse objetivo:

“Eu sou uma mãe muito privilegiada de ter um filho que tem sido feliz na área que ele mesmo escolheu, enquanto tem muitas mães que sofrem porque o filho nem sabe o que escolher, nem quer escolher nada”.

Aldete, que também foi educada na base do diálogo, viu em seu falecido pai, um forte exemplo de paciência e orientação. Ela confia que só apanhou de seu pai uma vez, por ter matado um gato, mas que também nem precisava, porque só de ver o gato morto, ela refletiu que havia cometido uma atrocidade que certamente poderia e deveria ser evitada.

Pedro, por sua vez, também só levou umas palmadas de sua mãe uma vez, depois de não ter obedecido sua professora de natação. Por também ser professora e lidar com crianças, Aldete se irritou com a falta de respeito do filho com a sua colega e quis lhe mostrar que o seu comportamento foi inaceitável.

Nesse momento, eu aproveitei para lhe perguntar como ela se sentia, sendo professora e mãe, ao deixar

o filho sob os cuidados de terceiros para que pudesse trabalhar na educação dos filhos de outras mães:

“Sempre foi muito tranquilo. O meu filho, com três meses de idade, foi para o berçário. E eu encontrei pessoas muito responsáveis. Eu falo para você que talvez eu seja uma das mães mais privilegiadas e, quando eu falo isso, não é só porque meu filho é o homem que ele é, não. Eu encontrei a tia Le. O nome dela é Maria Helena, mas a chamavam de tia Le. E ela tinha um berçário escola ao lado do colégio Progressivo, onde eu trabalhava. Ela cuidou dele para mim até os 6 anos de idade. Ela ensinou muitas coisas para ele. Essa questão de orar antes da comida, de respeitar os coleguinhas, de pedir por favor, de falar obrigado, de tirar o calçado e colocar no lugar. Sabe? Essas coisas todas. E as minhas irmãs também. Minhas irmãs são como eu, são muito organizadas”.

Com uma notória ternura na voz, Aldete diz sempre ter recebido ajuda e por isso, ela também procura fazer pelos filhos dos outros o mesmo que faziam para o filho dela.

Ela relembra que, muitas vezes, uma de suas irmãs não conseguia buscar o Pedro na escola, às 17h, e quando isso acontecia, a tia Le, que morava nos fundos do berçário, levava o garoto para sua casa e cuidava dele até que a mãe chegasse. Aldete diz não ter palavras para agradecer às irmãs, à mãe e aos seus primos que sempre a ajudaram na criação de Pedro, uma vez que o seu pai apenas pagava a pensão:

“Em tudo que eu tentei fazer pra ajudar meu filho, fui muito apoiada. Como dizem por aí, eu não tive um grupo de pessoas, eu tive uma aldeia inteira”.

Aldete relembra que sempre estimulou Pedro a ter uma boa relação com o pai. Ela mesma comprava presentes no dia dos pais; incentivava as ligações

carinhosas no dia do aniversário, no natal, na virada do ano, na páscoa. Quis, por iniciativa pessoal, criar uma boa relação com a madrasta de Pedro e jamais lhe contou sobre os dissabores com o ex-namorado:

“Eu acho que a mãe tem que ter essa preocupação com o psicológico do filho, sabe? E não contar as desavenças, os maus tratos. Eu tinha maturidade para superar, meu filho não. Meu filho estava se formando. Então eu nunca quis desconstruir a imagem do seu pai”.

Aldete confia que é bastante criticada por manter uma relação amistosa com a madrasta e com o pai de seu filho. Especialmente, porque eles moram numa chácara onde há espaço para festas e ela costuma fazer algumas festividades relacionadas ao filho, lá.

De descendência alemã por parte do avô e baiana por parte da avó, sendo ela uma mulher preta, diz acreditar muito na força da cor do seu povo. Pois, apesar de ter sido vítima de racismo em todas as esferas de sua vida, nunca se permitiu abater e procurou se destacar em tudo, para poder ter a vida que tem hoje e poder ensinar ao filho a maior lição que aprendeu na sua experiência com a maternidade solo: Estabilidade é ter saúde mental e cultura.

Capítulo 2

Quando nasce a mãe, morre a mulher!

Amanda, Ágata, Aline... Quantas mulheres você conhece cujos nomes começam com a letra A? Difícil, inclusive, encontrar algum nome que não tenha esta vogal, né? Como cantou Raul Seixas, “*A letra A tem meu nome*”. Mas, e Amarolina? Você conhece alguma Amarolina? Eu conheço. Foi minha coordenadora no colégio em 2011. Em 2012, minha professora de geografia no sexto ano. Para nós, naquela época, ela era a tia Mara. Uma mulher doce e gentil que por muitas vezes estive com filhos que não eram seus, no colo. Dando o que talvez lhes faltava em casa: afeto.

Mas, como tudo na vida, os anos de ensino fundamental e de aulas com a tia Mara passaram. E hoje, mais ou menos uma década depois do nosso último encontro enquanto professora e aluna, se minha memória não falha, ela aceitou conversar comigo e contar sua história com a maternidade solo.

Filha de Maria Divina, Amarolina conta que seu nome é em homenagem à avó materna. Uma se-

nhora, segundo a neta, muito sofrida, mas resiliente e bastante religiosa. Devota de Divino Pai Eterno, sempre aconselhava a filha, mãe de Mara, a fazer novenas em favor de seu casamento. Um matrimônio abusivo que resultava até mesmo em agressões físicas e situações de cárcere privado para Maria Divina.

Quando Amarolina nasceu, foi escrito nos papéis do hospital que ela se chamaria Daiane. A irmãzinha, três anos mais velha, se chamava Daniela. O pai, no entanto, muito grato e apaixonado pela sogra por ela, de certa forma, ajudar a manter seu casamento, registrou a quase Daiane como Amarolina. Maria Divina, contrariada, adquiriu durante o resguardo uma dor de cabeça que se tornou crônica e acabou contaminando Mara negativamente com relação ao seu nome.

Só aos 6 anos é que a menina descobriu seu verdadeiro nome, digamos. Foi durante uma advertência da professora do primário, que reclamou que a garotinha não a ouvia quando era chamada. “*Retruquenta*”, Mara disse que ouvia sim. Sua professora, então se exalta: “*Não ouve não, Amarolina. Seu nome é Amarolina*”.

Mara faz um salto no tempo e relembra um outro momento em que não dizer como se chamava quase a prejudicou: aos 19 anos, ela decidiu mudar-se para Goiânia e prestar vestibular. Passou de segunda chamada na Universidade Federal de Goiás, para Geografia.

Mas, por vergonha, não disse como se chamava por um mês. Resolveu mudar de nome. Antes que o processo fosse concluído, porém, numa conversa com a mãe em um final de semana de volta em casa, em Santa Helena de Goiás, perguntou por que

o pai a registrou como Amarolina? A jovem, que até então não sabia dessa parte de sua história, ganha conhecimento sobre a homenagem prestada através dela:

Sua avó, dona Amarolina, uma mulher analfabeta e que morava em uma casinha de chão batido, teve seis filhos. O marido, Miguel, mesmo sendo casado com ela, tinha outra família e a cada filho nascido, passava uns dois a três anos fora. É difícil tentar mensurar os prejuízos emocionais causados por essas ausências.

Como reconhecer como marido, como pai, alguém que só aparecia de tempos em tempos para a família? Para não ser considerada uma prostituta, uma mulher largada, Dona Amarolina inventava desculpas para justificar os sumiços do esposo para terceiros. Isso mesmo, para quem não tinha nada a ver com sua vida particular.

Uma hora ela dizia que ele estava campeando um gado em terras distantes. Em outros momentos, falava que ele havia ido trabalhar em um garimpo. Segundo Mara, em sua última aparição, Miguel engravidou sua avó de sua mãe e depois a fez assinar, com o dedo, a venda da casa. O lugar em que residiam a esposa e os seis filhos do casal. O único bem que tinham. E sumiu novamente. Miguel, pelo jeito, ao contrário da avó de Mara, não parecia preocupar-se muito com o que os vizinhos pensariam sobre ele.

É aí que ela faz, então, as pazes com sua própria identidade e passa a achar seu nome lindo. Gosta da homenagem prestada para uma de suas ancestrais, por enxergar na avó uma mulher de luta. Conta esta história quando vai falar de si para suas turmas, ao

invés de falar sobre seu currículo e das graduações que tem.

Mas, como nem só de homenagens e embaraços familiares vive uma mulher, Mara também deu uma chance ao amor. De 26 para 27 anos, em meados dos anos 2004, a professora de geografia conheceu um homem pela internet. Apaixonou-se perdidamente.

Ela, que já havia terminado a graduação, largou seis escolas nas quais dava aula e foi embora para Portugal casar-se com um desconhecido. Alguém que jamais tinha visto na vida. Um mês depois, de maneira proposital, engravidou. Ficou grávida do homem que ela considerava ser um príncipe encantado.

Por coincidência, a cunhada, já casada com o irmão de seu marido há 16 anos, também consegue engravidar. Vítor, filho de Mara e a priminha, nasceram com oito dias de diferença, para alegria dos avós paternos, que tanto queriam netos: *“Os quase gêmeos”*, brinca.

Entretanto, para Mara, a alegria não durou muito. Aos 2 anos completos de Vítor, por ter se desiludido com o casamento e ter perdido a admiração pelo marido, Mara voltou para o Brasil e precisou instalar-se na casa da mãe, em Santa Helena de Goiás, de onde tinha saído aos 19 e com quem não tinha uma boa relação. Era necessário recomeçar de algum lugar:

“Eu fiquei lá seis infinitos e intermináveis meses e passei em um concurso em Doverlândia. Uma cidadezinha próxima a Santa Helena”.

Sozinha, em uma cidade do interior, Mara foi percebendo os comportamentos estereotipados do filho e começou desconfiar que ele era autista.

O levou em psicólogas, fonoaudiólogas e recebeu indicativos de que sim, poderia ser autismo. Mas, dado o contexto de cidade pequena, poucos recursos, nenhum profissional capaz de acompanhar a situação, começou a estudar uma terapia domiciliar para poder ajudar o filho. A prática chamada Sunrise e adaptada para Sanrise por sua criadora, foi desenvolvida também por uma mãe e passou a ser seu amparo.

Essa história é retratada no filme *Meu Filho, Meu Mundo*. Todo o material, no entanto, estava em inglês. Uma língua não dominada por Mara. Com um dicionário numa mão e o material em outra, ela começou a traduzir as informações e a fazer as terapias em casa. Vítor, até então, não falava, não dormia e chegava até mesmo a se agredir.

O diagnóstico completo só veio mais ou menos aos 3 anos da criança: autismo auto funcional.

“Depois que eu pari o Vítor, eu parei de falar de mim. Você reparou? A Mara mulher morreu e foi isso. Eu tinha 30 e poucos anos e a Mara mulher havia morrido. Eu engordei 40 quilos em um ano. Fiquei obesa. Cheguei a ficar obesa mórbida. Toda vez que eu não estou bem, eu engordo. Eu fico imensa. Agora mesmo estou com cento e tantos quilos”.

Segundo Mara, o que mais a incomodou durante esse processo todo foi repetir com seu filho comportamentos que sua mãe teve com ela:

“Eu tinha prometido para mim mesma que teria um filho para fazer tudo diferente. E eu repeti muitas coisas. Inclusive, essa relação agressiva verbalmente e às vezes até fisicamente. Eu fiz isso com o Vítor. Ajudei bastante no que eu pude, fiz o que eu pude. Mas, mãe é sinônimo de culpa.”

Mara menciona que faz parte de um grupo de WhatsApp de pessoas que também cursaram geografia e nesse grupo seu bordão é: “*Não tenha filhos. Não tenha filhos. Não tenha filhos.*”

Mara diz amar o filho, mas odiar ser mãe:

“Eu odeio ser mãe. O processo foi horrível. Eu acabei, eu me anulei. Meus sonhos foram embora, meus objetivos foram embora. E, assim, eu sempre falo, a gente deseja um filho que tenha os olhos dos pais, ou que seja menino, ou que seja menina.

Ninguém deseja: “ai...queria tanto ter uma filha cega! Queria tanto ter um filho autista. Quando vem, minha querida, não é desejado e a sociedade vai te lembrar disso o tempo inteiro. Essa luta da mulher sozinha com o filho com deficiência é uma luta muito ingrata. Por exemplo, meu filho agora descobriu tudo de errado que eu fiz com ele e ele está certo em questionar. Mas é muito duro de ouvir. Meu Deus, como é difícil. É muito difícil”.

Estremeço. A parte de ninguém esperar, apesar de ser verdade, ter uma filha cega, me atinge em cheio.

Mara narra sobre ter sido muito exigente academicamente com Vítor; dos dois viverem sempre muito isolados, de seu uso constante do álcool para lidar com as emoções. Mara tem uma condição que foi diagnosticada há pouco tempo de transtorno de bipolaridade do humor e classifica muitas de suas ações como sendo frutos dessa condição, como por exemplo, a fala excessiva, fazer compras e se endividar em alguns momentos ou até mesmo largar seis empregos para casar-se com um estranho. Explica que sua condição é oposta à depressão e que seus comportamentos se tornam excessivos. A relação com o trabalho, com os estudos, com a comida.

Em determinado ponto de nossa conversa, Vítor entra no cômodo em que ela está e os dois trocam algumas palavras. Mara repara que o filho está com os olhos marejados. Questiona se ele está bem, se ouviu alguma coisa. Não entendo a resposta. Aguardo em silêncio. Depois de alguns segundos, sugiro continuarmos a conversa num outro dia. Mara conversa com o filho por mensagem e ele diz que não está bem, mas que ela pode seguir com a sua fala que ele se vira.

Depois de jogarmos um pouco de conversa fora, voltamos ao foco e retomo com Mara um assunto que poucas mães têm coragem de verbalizar, de acordo com minha percepção: a fase antes dos filhos:

“Meu Deus, que saudade da época de faculdade. Eu era feliz e não sabia. É pesado demais, Ju. Que fardo. Eu falo isso e as pessoas me olham como se eu fosse um monstro. Eu falo na frente dele por que isso tem que ser desmistificado. Esse mito da mãe, Maria, aquela que largou sua vida para cuidar de Jesus”.

A igreja católica desgraçada que fez isso conosco, esse ideal de mãe. Se você for estudar as mães antes do cristianismo, elas não tinham esse tipo de relação com os filhos. Era a comunidade que cuidava do filho. Era a ama, era qualquer outra pessoa. Ela não tinha essa responsabilidade pela vida de Jesus a vida inteira. Ai, uma mãe boa é a mãe que abandonou tudo. Essa mãe é maravilhosa. Não. Essa mãe é uma mãe burra. Que não soube fazer o equilíbrio entre sua vida pessoal, meu caso, e a dedicação com o filho”.

Sincera, Mara confessa ter cedido às pressões da sociedade até um determinado momento, mas que depois saía e levava Vítor. Ia em bares e festas que tinha que ir. Chegou a deixar o menino algumas

vezes com babá para poder se divertir. Os amigos, conta Mara, muito atenciosos, sempre a convidaram para eventos:

“Eu sempre andei muito com moças que eram homossexuais. Tirei duas amigas do armário e viramos amigas para o resto da vida. Mas, com relação a minha vida pessoal, de namorar, praticamente acabou. Eu não me lembro a última vez que eu tive alguém, que eu fiquei com alguém. Eu não me lembro. A medicação para depressão junto com a obesidade me tirou a libido todinha. Eu não tinha vontade de ficar com ninguém. Não me sentia segura. A Mara mulher morreu e toda vez que eu penso em reacendê-la, me dá uma preguiça! Meu Deus do céu!”

Quase digo que a entendo, pois presencio essa mesma realidade dentro de casa. No entanto, ao invés disso, pergunto sobre a relação de Vítor com o pai. E percebo que o que levou Mara ao sobrepeso atual tem a ver com uma visita recente do genitor ao jovem.

É que depois de quase 11 anos sem ver o filho, mantendo uma relação via internet aos domingos, o pai de Vítor voltou ao Brasil:

“Foi um inferno. Ele não aceita o fim da relação até hoje. O que motivou o fim da relação fui eu mesma. Eu que montei um personagem que não existia e esse personagem tinha o pior defeito que minha mãe dizia de um homem, não ser trabalhador. O pai do Vítor não trabalha. O pai do Vítor é de uma família pobre e ele não trabalha. Simplesmente não trabalha. Sabe aquelas pessoas que não trabalham? É ele”

Em decorrência dessa visita, Mara teve um surto psicótico e foi parar num hospital psiquiátrico pela primeira vez. Ela diz ter sido uma carga pesada demais em um momento em que já estava em crise:

“Ele não reconhece que o Vítor é autista e fica com uma demanda de que o Vítor que tem que procurá-lo. O moleque é autista, porra!”

O problema é que depois de tantos anos sem ver o pai, Vítor criou expectativas com relação ao encontro deles. Nada saiu como o imaginado pelo jovem.

De acordo com Mara, a família paterna de Vítor é gordofóbica e desde o primeiro dia juntos, começaram a colocar defeitos no corpo e no peso de Vítor. Numa tentativa de intervir pela cria, mais uma vez, Mara marcou uma reunião com o pai e os avós de Vítor em uma pamonharia.

No dia e no horário combinados, Mara se dispôs a ficar cara a cara com o passado de alguma forma. Um nítido gesto de abnegação. Mostrou todos os laudos do filho para pessoas que, apesar do laço consanguíneo, não acompanharam de perto a vida de Vítor. Ela pediu respeito para com o corpo do garoto:

“O Vítor é lindo. Não é porque ele tem uma barriga que virou um homem feio. Ele é lindo. Tem o cabelo comprido, ele é alto. Tem um sorriso lindo. Meu filho é lindo. Não tem nada de errado com o corpo dele”.

Infelizmente, não foi o bastante. Foi necessária mais uma conversa séria para que a família paterna de Vítor parasse com os comentários pejorativos sobre um de seus próprios membros e o aceitassem com seu jeito de ser. Só que a essa altura o estrago já havia sido feito.

Vítor descobrira que a volta do pai a terras brasileiras não fora por conta do herdeiro. Não. Na verdade, o regresso se deu porque o pai de Vítor arrumou uma namorada em São Paulo. “E eu dou um doce para quem adivinhar de que maneira ele a conheceu. Quem chutou internet, acertou.”

Questiono Mara, então, se ela considera que teve rede de apoio para auxiliá-la na criação de Vítor. Rindo em tom debochado, responde:

“Ai, adoro. Rede de apoio? Rede de apoio são os remédios que eu tomo, a comida que eu como e a bebida que eu bebo. É isso”.

Capítulo 3

A maternidade passa por um ser que não é só mãe

Por onde sua maternidade passa, querida leitora? Isso mesmo. Por onde sua maternidade passa? Para Camila Lourenço, então com 37 anos, mais conhecida como Cacau Mila na internet, a maternidade passa por sua individualidade, sua existência enquanto ser humano. Um ser humano que não é só mãe.

Camila me recebeu no apartamento em que mora com o filho, Miguel, de 4 anos, e os gatos dos dois, no setor Bela-Vista, em Goiânia. Foi o único encontro presencial deste livro. Ela me descreveria, mais tarde, o cenário ao nosso redor. A mesa redonda e as plaquinhas escritas em uma das paredes da sala, por exemplo.

Depois de uma longa pausa para pensar por onde começaria a falar, refletiu:

“Antes do Miguel, eu tinha muito mais tempo e eu era muito menos produtiva. Mas essa é a minha realidade. Porque, infelizmente, eu sou movida a desafios e eu estou

realmente tentando mudar isso, porque eu quero uma vida mais tranquila. O Miguel é um menino muito bom. Muito mesmo. Muito acima da média. Eu acho ele mil vezes melhor que eu e olha que eu me acho legal pra caralho!” Risos. *“Todo dia, antes de dormir, eu me revisito e eu olho pra ele e eu falo, meu Deus, eu preciso muito melhorar, pra ser a mãe que ele merece”.*

Acelerada, ela expõe que por conta disso, nasce a culpa. Segundo Cacau, ao nascer uma mãe, nasce uma culpa. E isso parece ser unânime entre minhas entrevistadas:

“Enquanto mãe solo, você tem que dar conta de trabalhar. Eu trabalho muito mesmo. Eu trabalho da hora que eu acordo à hora que eu vou dormir. Nesse momento, a minha cabeça tá pressionada. É segunda-feira e eu tenho a sensação de que já passou o mês inteiro num único dia. E ainda assim, eu acho que eu trabalhei pouco. Quando você sair daqui, eu vou continuar trabalhando”.

Camila é terapeuta tântrica e produz conteúdo sobre autoestima e sexualidade saudável para homens, mulheres e casais. Tenta transformar isso numa renda. Mas principalmente, luta para que mulheres possam legislar sobre o próprio corpo. Palavras da mesma:

“E... O Miguel acontece no meio de tudo, né? Quando ele tá aqui... Eu tenho poucas horas sem o Miguel. Eu valorizo muito o meu tempo. Eu acho que isso acaba soando meio arrogante, meio mesquinho pra quem tá de fora. E, sinceramente, eu não ligo”.

Cacau explana que a maternidade a fez ver o quão precioso é seu tempo e que ela não tem mais tempo para perder:

“A maternidade me fez realinhar o que eu quero, fez com que eu olhasse para as minhas relações e as observas-

se com mais realismo, no sentido do que que vale a pena preservar e o que já deu. Me fez ter desapego e me tirou o romantismo. Eu não tenho mais uma visão romântica das coisas. Eu tenho uma visão prática. O que me serve, o que não me serve. Isso aqui é só ilusão, isso aqui é só apego. É óbvio que isso também faz parte do meu processo terapêutico individual”.

Ela alega que antes de Miguel, tinha um trabalho bem mais pesado. Saía de casa de tarde e voltava de madrugada; ganhava bem menos e morava numa casa que não era nem a metade do apartamento em que mora agora. Ela era radialista. Depois de Miguel e da dificuldade de se recolocar no mercado, no entanto, cita que passou a trabalhar dobrado.

Mas, em contrapartida, parou de passar apertos financeiros e seu dia parece ter 70 horas, porque produz pra caramba:

“Eu vejo que a maternidade tira a gente desse lugar, desse comodismo que a gente tem quando a gente não tem que dar conta de nada. Se eu morrer ou se acontecer alguma coisa comigo, lascou. Porque sou eu por eu mesma e eu pelo Miguel, né?”.

Camila diz que Miguel veio depois de uns oito meses de um namoro. Ela engravidou sem querer. Estava fora do período fértil, usava métodos contraceptivos e ainda bebeu pílula do dia seguinte:

“Eu senti na hora. Se eu não beber remédio, eu vou engravidar e eu bebi. E mesmo assim eu engravidei...”

Há quem acredite em algo além da matéria. E há quem não acredite também. Tudo certo. E porque estou dizendo isso, querida leitora ou querido leitor? Porque, a seguir, Camila, Cacau, como preferir, divide conosco acontecimentos do tipo que ninguém explica:

“O Miguel tem uma mediunidade muito aflorada, então ele solta coisas do tipo: você lembra quando eu era grandão e você era pequenininha? Eu te carregava no colo. Tem foto. Eu vou te mostrar”.

Segundo Camila, uma outra situação foi quando ela foi contar ao filho sobre o avô, seu pai, já falecido. Miguel perguntou se era o padrasto de Camila, que também já faleceu, e ela disse que não. Respondeu que estava falando sobre o vovô Jesus e Miguel disse que se lembrava dele, pois o tinha visto antes de vir pra cá.

Ela disserta sobre mais dois momentos do gênero marcantes com o filho: quando ele a perguntou certa vez se ela lembrava do dia em que ele morreu atropelado e de quando ele foi na casa da mãe de Camila cantar para ela, antes do nascimento dele.

Camila descreve que essas falas de Miguel acontecem com muita naturalidade e no dia-a-dia mesmo. Ela diz que uma das frases, um ex-namorado músico viu e transformou em música, lançada no dia das mães desse ano:

“Pra mim é muito difícil lidar com essas coisas, porque eu fui criada na igreja evangélica, embora hoje frequente a umbanda. Mas é tudo muito abstrato pra mim e quando acontece, eu fico... Caralho! Esses dias mesmo eu estava cantando e ele perguntou se eu estava cantando a música de quando ele estava no céu. Eu perguntei: como que você sabe? E ele disse, claro que eu sei. Fui eu que cantei”.

Miguel tem 4 anos de idade e, de acordo com Camila, a relação dos dois é marcada por um diálogo muito aberto:

“Eu me valido muito nele, no meu trabalho, porque ele fala: mamãe, olha como eu estou lindo, como meu cabelo tá lindo! Nossa, eu fico muito lindo com essa roupa”.

Para Camila, a maternidade solo é extremamente cansativa. Ela menciona que às vezes tem preguiça de ficar em casa:

“Eu odeio isso. Eu odeio com todas as forças da minha alma. Eu odeio ficar em casa porque quando eu estou em casa, estou o tempo todo trabalhando. Um inferno! Porque, tipo, aqui agora tem máscara dele no chão, tem comida dele na mesa. Eu prefiro pegar minhas coisas e ir trabalhar num café que ficar refém de manter uma casa limpa o tempo todo. Esse lugar que a gente habita é horrível! Eu odeio essa parte da maternidade. Eu odeio serviço de casa. Trabalho pra pagar alguém pra poder me ajudar”.

É notória a raiva na voz de Camila nesse momento:

“É muito cansativo você ser empreendedora, você criar o seu trabalho, você criar o seu negócio, você atender fora, você gerar conteúdo pra internet e muitas vezes nem ter tanto retorno assim”.

Cacau diz que sua sensação é de sempre estar cansada, com a nuca doendo, o ouvido zunindo e que a jornada é infinita. Por outro lado, diz que acorda todos os dias cedo, bebe um chá de cafeína, faz exercícios tântricos, bota um sorriso no rosto, gera seus conteúdos e tenta aproveitar a jornada, lembrando que Miguel não será criança de novo e também tentando não esquecer de si enquanto ser humano, enquanto mulher.

De novo, essa tentativa de não esquecer de si, parece algo unânime entre as mães com as quais conversei. Sinto vontade de abraçar Cacau.

Aproveitando o gancho, pergunto a ela como era a mulher Camila antes de Miguel, ao que ela responde:

“Cara... Eu acho que... Eu não gosto desses termos, eu não concordo com essa divisão, sabe? Eu acho que elas enfatizam estereótipos e esses estereótipos não depõem em

nada a favor da mulher. Eu sou eu e eu sendo eu, acontecem muitas coisas. Eu sendo eu, eu fui adolescente, eu fui jovem, agora eu sou mãe. Mas antes de ser mãe, eu continuo sendo eu. Se eu não tivesse filho nessa idade, eu teria menos responsabilidades e talvez a minha vida nem seria tão em ordem. Então... A mulher que eu era antes do Miguel, é a mesma mulher de agora.

A diferença é como eu, enquanto mulher, lido com a maternidade. Porque eu realmente acho que esses vieses colocam a mulher dentro de uns estigmas. Como se a mulher antes fosse mais leve, mais livre e eu era talvez, mas eu não sei. Eu sou muito mais produtiva agora, as minhas relações são muito melhores agora. Eu vivia também cansada, exausta, sugada e a maternidade me trouxe isso de que preciso otimizar o meu tempo”.

Capítulo 4

Da educação pautada na fé, no exemplo e no direito de escolha dos filhos

“Eu posso falar? Eu quero falar”. Esta fala forte e tão expressiva é de Roger Miranda. Um adolescente de 15 anos, cabelos cacheados batendo na altura da sobrancelha, magro, de orelha furada, bigode fino e aparentando ter mais ou menos 1,80 de altura, como ele mesmo se descreveu para mim. Roger é o filho mais novo de Cinthia da Costa Miranda.

Enquanto eu falava com sua mãe, mais ou menos com dez minutos de conversa pelo Google Meet, ele entrou no cômodo em que ela estava e manifestou sua vontade. Fui pega de surpresa, confesso.

Mas o que é o jornalismo senão um instrumento de vez e voz para as pessoas? Feita as devidas apresentações e explicações acerca de meu trabalho, Roger abriu o coração:

“Tem muita coisa que eu nunca cheguei a declarar, nunca cheguei a falar. Porque eu nunca fui de conversar

com minha mãe e nem com o meu pai sobre o que eu sentia, como que eu tava, porque às vezes eu também pensava que eu ia atrapalhar, enfim... mas... quando eu era mais novo, sentia muita falta de afeto por parte do meu pai ou por alguém que ocupasse aquele lugar e nunca recebi. E isso ocasionou de eu ter um certo desgosto em relação ao meu pai. Eu gosto dele, eu amo ele, mas agora.

Quando eu era mais novo, por volta dos meus 12 anos, até o começo desse ano ainda, eu não gostava dele. Tipo assim, tratava ele bem por conta de educação, minha mãe me ensinou ser educado, e a respeitar porque, querendo ou não, ele é meu pai, mas não considerava. Hoje eu não sinto raiva, não sinto estresse, nem nada. Mas, antes, foi motivo de tristeza ou agonia. Hoje eu tou bem com relação a isso. Trato ele bem, converso com ele normalmente”.

Após mais ou menos dois anos separada do companheiro, pai dos três filhos e com quem teve um relacionamento por aproximadamente 13 anos, entre namoro e morar junto, Cinthia conheceu uma outra pessoa e viveu com ela por volta de oito anos. Segundo ela, o ex-marido hoje tem uma amizade, um vínculo maior com os meninos do que na época em que eles estavam juntos.

Roger conta que sempre gostou muito do ex-padrasto, mas que ao mesmo tempo em que ele fazia sua parte na criação dele e dos irmãos, não fazia. Diz que é difícil explicar:

“Hoje em dia é tranquilo. Às vezes eu vou lá. A gente mora na mesma quadra e aí eu vou lá, visito ele, converso com ele. A gente lancha”.

Roger lembra que o ex-padrasto tinha uma preferência pelas filhas dele: *“Elas podiam tudo e a gente, não”.*

Com um tom indefinido de voz, o jovem lembra de um episódio em que o ex-padrasto parou de

comprar achocolatado para colocar no leite. Segundo Roger, as filhas do então companheiro da mãe não tomavam mais achocolatado pela manhã e por conta disso o homem parou de comprar.

No entanto, não observou que era a única coisa que Roger gostava de lanchar como café da manhã:

“Eu não reclamo porque não era obrigação dele fazer o papel de pai. Ele tinha obrigação de ser marido da minha mãe, não meu pai. Num certo ponto, eu entendo ele. Hoje ele sente muito remorso por conta de como as coisas acabaram, quando ele percebeu o que ele já tinha feito, como a gente cresceu”.

O jovem diz que sua raiva não era direcionada especificamente a alguém, mas então reflete e conta que depois de ir a uma célula, uma espécie de culto evangélico para jovens, com o irmão mais velho, Henrique, presenciou cenas de afeto entre um pai e um filho que mexeram com ele. O filho, no caso, era um amigo de Roger.

O adolescente menciona que o amigo e o pai começaram a contar histórias de momentos juntos e demonstrarem carinho um pelo outro. Roger chorou. E chorou por não ter tido uma experiência semelhante. Segundo Roger, ele jamais culpou a mãe por alguma coisa.

No entanto, relata que Cinthia nunca foi de conversar muito com os filhos sobre sentimentos e emoções. Não parar em casa, palavras de Roger, foi uma forma que o garoto encontrou para lidar com esse distanciamento.

Roger conta que nunca se sentiu confortável para falar sobre seus sentimentos em casa, mas às vezes falava alguma coisa com pessoas que estivessem fora desse ciclo:

“O povo aqui em casa nunca foi de perceber certas coisas, nunca foi de me entender. Porque nunca pararam para conversar. Até um tempo atrás, eu chorei conversando com meu irmão. Eu não sou uma pessoa de chorar, não gosto de chorar. Mas conversei com ele sobre isso porque ele estava me julgando muito, falando que eu tava fazendo coisa errada e eu falei pra ele que era o meio que eu tava achando de me aliviar, porque ele nunca perguntou se eu tava bem realmente, nunca sentou para conversar, nunca percebeu que eu tava triste ou, quando percebia, não falava nada”.

Roger reflete que acredita que tudo isso o levou a ter certas dependências como, por exemplo, o fumo.

Conta que faz uso de cigarros de nicotina, eletrônicos e os de maconha. Segundo ele, não esconde nada da mãe e sempre a avisa quando vai sair e onde vai:

“Eu não queria. Mas é aquilo, né? Eu não queria, mas de certo modo eu não tou ligando e continuo fazendo”.

Roger sugere que os ambientes que ele frequentava acabaram o influenciando:

“Eu sempre negava, mas teve um dia que eu tava estressado. Eu tava na rua e falei que eu queria. Eu fui lá e pedi para um povo que tava fumando e eles negaram. Eles não me deram porque sabiam que eu não fumava e aí não me deram. Aí eu fui lá e comprei. Depois que eu comecei a fumar, as pessoas viam e aí me ofereciam”.

Roger afirma não ser viciado, porém, faz uma conta rápida durante nossa conversa dos dias que fumou e que não fumou durante a semana: *“Eu sinto mais necessidade de não fumar que de fumar”.*

Roger conta que um dia quando chegou em casa, a mãe tinha encontrado um paiero (cigarro de palha) na gaveta do filho e perguntou o que era. Ele

explicou. E com a explicação do filho, Cinthia não voltou a tocar mais no assunto. O que, segundo Roger, o deixou aliviado, pois não houve julgamentos por parte da genitora.

Roger diz ser uma pessoa muito sensível e que este é um assunto delicado, então, dependendo de como a mãe falasse sobre e a maneira que ele interpretasse, por ser um comentário vindo da mãe, ele se sentiria mal e que isso ocasionaria mais um conflito.

Despeço-me então, de Roger. Sei que ele precisava falar e com certeza eu o precisava ouvir. É, provavelmente, a única participação de um filho em um trabalho dedicado a ouvir mães. O agradecimento pela confiança. Nós nos despedimos e acho graça da maneira com que Roger se vende enquanto um rapaz bonito para mim.

De volta à Cinthia. Cinthia Costa Miranda, 39 anos, é uma mãe solo de três filhos e, após ter acompanhado em silêncio quase absoluto o depoimento de seu caçula, intervindo vez ou outra apenas para auxiliar o adolescente com alguma lembrança embaralhada, diz que quem é mãe pensa estar suprindo sempre as necessidades dos filhos e às vezes acaba falhando. Ela tem um tom de voz calmo, doce.

Parece escolher as palavras que quer pronunciar com a mesma delicadeza de dedos que tocam piano e apoia-se na fé para tratar do assunto:

“Eu sou uma pessoa evangélica, eu penso que Deus, de uma certa forma, supriu um pouquinho disso tudo. Eu agradeço a Deus por ter os filhos que eu tenho. Eu sei que Deus tem cuidado, eu sei que Deus tem livrado ele de muitas coisas porque ele fica fora de casa, dorme na casa dos amigos... Eu tento de todas as formas não deixar ele constrangido e nem achar que eu estou prendendo ele”.

Recordando a própria adolescência, Cinthia menciona ter sido privada pelos pais de ir à casa de amigas à noite, por exemplo: *“Era de casa pra escola e da escola pra casa”*.

Querendo dar uma criação diferente da que teve para os filhos, Cinthia declara que tenta deixar os filhos mais livres para que eles conheçam a vida, o mundo, e diz que quer que os jovens vejam nela uma pessoa na qual podem confiar:

“Eu não queria que ele entrasse nesse vício. Ele diz que não é viciado, mas a partir do momento em que a gente começa a usar algo que provoca um vício, a gente se torna um viciado e às vezes nem percebe, né? Minha mãe mesmo, ela é fumante desde os dez anos de idade.

Ela era uma criança quando começou a fumar e hoje ela não consegue largar o vício. Eu não queria isso pra vida dele. Jamais. Para nenhum deles”. Cinthia diz crer que a questão de Roger com as drogas seja uma fase e que o adolescente não queira mais isso para sua vida no futuro e que esse caminho não vai o trazer benefícios: “Ele tem o exemplo da minha mãe. Ela já teve até nódulo no pulmão. Com a graça de Deus, ela foi curada. Ela não tem mais isso. Mas a gente sabe que não faz bem pra ela”.

Por coincidência ou não, Cinthia relembra as gravidezes e conta que especificamente a de Roger não foi muito tranquila:

“A do Roger foi um pouquinho mais... vamos dizer... mais conturbada. Eu e o pai dele já estávamos em crise no nosso relacionamento. E eu tive até que sair da nossa casa pra poder ficar mais tranquila, porque a gente estava brigando muito. Aquilo estava fazendo mal pra mim e fazendo mal para os meninos. Pra Jaqueline, pro Henrique”.

Cinthia saiu de casa aos 7 meses de gestação e precisou instalar-se na casa da avó, no setor Buriti

Sereno, pois ficava próximo do hospital em que ela teria Roger. Depois da cesariana, Cinthia resolveu fazer uma laqueadura para não ter mais filhos. Ela diz achar que o fato da gestação de Roger ter sido mais conturbada, faz com que hoje ele seja o mais agitado e nervoso dos três irmãos.

Filha de um sargento aposentado, Cinthia conta que não teve uma infância boa. Tanto o pai como a mãe sempre foram muito rígidos. O pai, por ter um trabalho desgastante, muitas vezes chegava em casa cansado, estressado e não gostava muito do barulho e da bagunça que as crianças faziam.

Cinthia tem mais um irmão por parte de pai e mãe. A irmãzinha caçula faleceu aos 6 meses de vida. Ela não explica a causa.

Mais ou menos entre 7 e 8 anos, Cinthia confidencia ter sido molestada. Ela não diz por quem, mas conta que isso gerou certos problemas com o pai e com a mãe. No entanto, pelos filhos ainda serem bem pequenos, os adultos não se separaram:

“Ficou um relacionamento muito ruim, mas, superaram. Tanto meu pai, quanto minha mãe, superaram. Eu tinha 19 anos quando eles se separaram. Eles viveram 20 anos juntos”.

Cinthia diz ter um bom relacionamento com o pai e que em momento nenhum o rejeitou, pois o admira e ama:

“É como se nunca tivesse acontecido nada”.

Cinthia diz compreender porque os pais foram o que foram como pais. Segundo ela, a mãe perdeu o pai muito cedo e foi criada de favor por outras pessoas e sofreu bastante com isso. A avó de Cinthia, mãe da mãe, também não tinha como dar muito suporte e acabou ficando por isso mesmo: *“A gente vem de uma família muito sofrida”.*

Hoje Cinthia mora com a mãe, os filhos, a avó e o sobrinho. Ela fez curso técnico em Enfermagem e formou-se ano passado, mas ainda não exerce a profissão. Alguns problemas de saúde, sequelas deixadas pela Covid-19, a impossibilitam no momento.

Cinthia diz querer se organizar emocionalmente, se curar, para voltar a abrir o coração para alguém e que às vezes as pessoas não entendem isso:

“O que eu menos quero é sofrer de novo por conta de um relacionamento, por conta de tudo que eu já passei. Eu mereço ser feliz”.

Capítulo 5

Uma mãe sem filhos para quatro filhos sem uma mãe

1, 2, 3, 4. Não, querida leitora ou querido leitor, nós não vamos contar de 1 até qualquer número que você queira estabelecer. Não. Mas, cá para nós, você já ouviu falar naquele ditado “*um é pouco e dois é bom*”? Há quem complementemente dizendo que três é demais. E se três é demais, o que dizer de quatro? Sim. Quatro. A história que vou contar agora é a história de Gilvânia Souza. Uma mãe solo (por adoção) de quatro crianças. Se assustou? Bem, não foi só você.

Fiquei sabendo sobre a existência dessa família conversando com Vera Cardoso. Vera é presidente de um grupo de adoção e, quando entrei em contato explicando que queria uma fonte para meu trabalho, ela me apresentou três possibilidades de histórias de mulheres que adotaram sozinhas.

Quando Vera mencionou Gilvânia, não tive dúvidas. Preciso conversar com essa mulher para on-

tem, pensei. Pensei e executei. Entrei em contato com Gilvânia e, depois de algumas negociações sobre dia e horário, nós nos falamos via Google Meet. Era uma quarta-feira à tarde. Gilvânia, que é feirante, naquele dia estava em casa. Portanto, disponível.

Abri a interlocução me apresentando para Gilvânia e contando o porquê da escolha do tema. Logo de cara, não consegui disfarçar minha surpresa por ela ter adotado quatro crianças. Ao que ela coloca:

“Normalmente, o perfil de quem quer adotar solo, é de uma criança. Até então, o meu perfil era de uma criança. No máximo, até duas, sendo irmãos. Porque para adotar uma criança hoje na idade que eu queria, ela não ia vir sozinha”.

Gilvânia explica que foi habilitada muito rápido. Habilitada ou habilitado, neste caso, significa que o ou a adotante, ou seja, a pessoa que quer adotar, já cumpriu todos os trâmites necessários. Esse período, chamado por muitos como uma “gestação”, envolve entrega de documentos e avaliações psíquicas, sociais e de condições de vida dos futuros pais, para que possa ter início uma aproximação entre quem irá adotar e quem será adotado ou adotada.

Todo esse processo é feito e acompanhado por profissionais de um fórum. Tudo para garantir ao máximo a segurança de meninos e meninas. Futuros e futuras filhos e filhas.

Como Gilvânia havia colocado em seu perfil que tinha interesse em adotar uma criança de 2 a 10 anos, com irmãos, se tivesse, não precisou esperar muito. O curioso é que ela havia sido bem específica com relação a um detalhe: *“Meninas. Eu não tinha a intenção de adotar meninos”*. Sabe-se lá porquê, Gilvânia tinha medo de uma possível rebeldia de um garoto. Então decidiu que seria mãe de meninas.

Questionada como surgiu essa vontade de ser mãe, de adotar, ela responde:

“A maternidade solo é assim, você vai deixando para depois, para depois e os anos vão passando. E essa vontade minha, era de dez anos atrás e eu deixando. Não, eu vou trabalhar, eu vou fazer mais isso, fazer mais aquilo e os anos passando. Aí, no ano passado, eu falei assim, gente, eu preciso correr atrás do meu sonho, do que eu quero.

Porque eu sempre soube que eu não podia gerar, ter filhos da barriga. Eu já tive duas separações. Aí eu falei assim, se eu for ficar esperando eu casar, para eu e meu companheiro decidirmos e, às vezes, ele nem ia aceitar, né? Porque tem homem que não aceita a adoção. Então eu falei assim, quer saber, eu vou. Só que eu achei que eu não ia ser habilitada tão rápido e eu fui”

Gilvânia deu a entrada no processo em janeiro de 2021. Em junho já estava habilitada. Ela conta que tentou achar suas crianças primeiro pela busca ativa. E, se você, assim como esta que vos escreve, não tem familiaridade com o mundo da adoção, saiba que busca ativa é uma espécie de grupo de WhatsApp.

Nesse grupo, são compartilhadas informações de crianças disponíveis para a adoção. Bem como idades, histórico familiar e às vezes até fotos. De novo, tudo monitorado por profissionais capacitados a fim de que seja garantida a segurança dos menores em questão.

Por meio da busca ativa, Gilvânia encontrou duas meninas que eram irmãs. Mas não deu certo. Depois, encontrou uma menina de 10 anos, moradora de Brasília. Também não deu certo. Como diz a sabedoria popular, quando não é pra ser, não é, né? Gilvânia conta que estava bastante desiludida, depois de duas tentativas frustradas.

Num belo dia, dentro de um consultório de dentista em que foi fazer uma revisão, o celular dela toca. Do outro lado da linha? Doutora Renata. Renata é psicóloga do fórum em que Gilvânia abriu seu processo de adoção. A ligação era para falar sobre o quarteto, como carinhosamente Gilvânia apelidou os filhos:

“A doutora Renata foi um anjo na minha vida. Toda delicadinha para falar comigo. Como não era o meu perfil, eu podia dizer não. Como eu disse não. Eu falei não logo de cara. De primeira. Ela já tinha ligado para vários casais. Vários. Eu era a última. Ela disse que eu era a última tentativa. Se eu não aceitasse, eles iam colocar as crianças num aplicativo que tem lá no Paraná mesmo, que é o adote”.

Gilvânia diz ter tentado argumentar com a psicóloga que por ser mãe solo, iria aguardar seu perfil por conta de questões financeiras e até educacionais, porque quatro crianças seria muito. Doutora Renata, persistente na missão de talvez ser a intermediária de um futuro para os menores, continuou insistindo com a futura mamãe:

“Ela falou assim, olha, faz o seguinte, eu vou te mandar a foto deles. Eles não mandam a foto. Então, quando ela mandou a foto, eu fiquei apaixonada”.

Gilvânia, balançada, encaminhou a foto para duas amigas e perguntou o que elas achavam. Aproveitou para dividir com as companheiras suas angústias com relação a ser uma mãe solo e as crianças serem quatro: *“Elas falaram, Gilvânia, são seus filhos”.*

O problema é que ela não tinha muito tempo para pensar, doutora Renata precisava de uma resposta no dia seguinte ao da ligação. Religiosa, Gilvânia diz acreditar que Deus tinha um propó-

sito. Então, sim. Ela disse sim aos seus quatro futuros filhos:

“Como foi final de ano, deu uma enrolada. Só que quando desenrolou também, depois que passou o recesso, a juíza entrou de férias. Quando a juíza voltou, a psicóloga entrou de férias. E não tinha substituta. Ela tinha que voltar”.

Toda essa movimentação, menciona ela, aconteceu no fim de novembro de 2021. Gilvânia só foi ter contato com os filhos em fevereiro de 2022. A parte boa, é que quando “desenrolou”, demorou só uma semana para ela pegar as crianças. Por receio do que poderia escutar por adotar quatro irmãos, ela recorda não ter dito à família quantos eram. Os irmãos de Gilvânia sabiam do desejo dela de adotar e a apoiavam.

“Eu não contei quantos eram. Só quando eu fui buscar, que eu tava lá, no interior do Paraná, minhas irmãs mandaram mensagem perguntando, e eu falei. Mesmo assim, uma ainda falou ‘você é doida’. Sempre tem disso. Sempre. Não adianta. Aí eu peguei e falei, ‘deixa eu com a minha loucura. Se você não vai ajudar a cuidar, então pronto. Deixa eu só com a minha loucura’”.

Gilvânia conta que quando as crianças chegaram, todo mundo se apaixonou por elas. Entretanto, ela demonstrara um incômodo muito grande no fato das pessoas romantizarem a adoção:

“Eu falo não é nem na questão financeira. É na questão da educação. É bem difícil. Você tem que ter muita paciência, tem que pedir muita sabedoria para Deus”.

E essa paciência de que Gilvânia fala, tem algumas razões de ser. Sua filha mais velha, por exemplo, no início, não aceitava bem a ideia de ser adotada e precisou de muita conversa, muita terapia para

trabalhar suas questões. Até que, segundo Gilvânia, a filha começou a pedir por um pai, uma mãe, uma família, no entanto, as crianças ficaram num abrigo por um tempo:

“Nesse período que a gente tava em ‘recesso’, tava sem se comunicar, eu sabia que eu tinha meus filhos, mas eles não sabiam ainda que tinham a mãe. Eu ficava muito agoniada porque eles iam lá na psicóloga e faziam desenhinhos com uma família, uma casa. E a psicóloga me mandava tudo. E eles sempre falavam, doutora Renata, já apareceu uma família para nós? E ela não podia falar. Então, foi muito sofrido para mim. Foram quase três meses de agonia. Eu sabia que eu tinha eles e eles não sabiam que eu existia”.

Gilvânia conta que durante as sessões com a psicóloga, o quarteto pedia por um pai e uma mãe. Sabendo que a realidade seria diferente, doutora Renata foi agindo: “E se for só a mãe?”, ela perguntava: “Se for só uma mãe, a gente tira o pai do desenho”, era a resposta das crianças para aquela que já estava cuidando de tudo.

Já na primeira chamada de vídeo entre Gilvânia e as crianças, houve uma identificação. Ouvindo Gilvânia descrever o momento, fiquei com a impressão de ter sido muito emocionante. Uma dessas coisas da vida que ninguém consegue explicar direito:

“No primeiro dia de chamada, elas já me chamaram de mãe. E foi uma semana só. Uma semana de vídeo chamada. Todos os dias a gente fazia vídeo chamada. Mais ou menos uma hora de vídeo chamada. Uma semana. De segunda a sexta. No sábado eu já fui buscá-los”.

Os filhos de Gilvânia são de Bandeirantes, a duas horas de Londrina. Paraná. Ela ficou de um dia para

o outro na estrada. Como o fórum só abriria às 9 horas de segunda-feira, ela tinha tempo. E como na volta teria que pagar passagem para todo mundo, gastar sem necessidade não era o ideal:

“Eu cheguei lá no domingo à noite, na cidade deles. Fiquei num hotel. Liguei para eles, falei que a mamãe já tinha chegado na cidade”.

Gilvânia conta que, quando ela chegou, a assistente social do abrigo a convidou para sair. Por não conhecer ninguém, aceitou:

“A gente conversou bastante sobre as crianças. Ela me deu muitas dicas. Foi muito bom”.

Mesmo o fórum não abrindo especificamente às 9 horas, a juíza e a psicóloga (sim, doutora Renata), já estavam ao aguardo de Gilvânia. Depois de assinar o termo de guarda e toda a papelada, o pessoal do fórum a levou ao abrigo para, enfim, encontrar seus filhos.

O ônibus da nova família partiria em 30 minutos para Londrina. Não tinham tempo a perder. Especialmente porque os genitores das crianças moram na cidade, então havia um receio de que eles pudessem estar observando de alguma maneira:

“Foi muito emocionante, porque ninguém queria os quatro. Ninguém. E quando eu aceitei, a mãe solo aceitou, foi uma alegria muito grande para todos que estiveram envolvidos no processo. Inclusive, a juíza. A juíza não aguentou”.

Mas, como nem tudo na vida são flores, meus amigos, Gilvânia confessa que o primeiro mês com as crianças foi “punk”. Por morar sozinha, já é de se imaginar que ela não tinha uma rotina, né? Não tinha horário para dormir e nem para comer. Como ajustar isso de um dia para o outro?

“Eu fiquei um bagaço. Porque eu já tive que correr atrás de escola, já tive que levar e buscar na escola. Tinha café da manhã, tinha almoço, tinha lanche, tinha janta. Ai tarefa, médico... Depois de 30 dias que eu comecei a entrar numa rotina”.

Nesse momento, uma figurinha simpática e despretensiosa invade a nossa chamada de vídeo. É Gustavo Henrique. O filho mais novo de Gilvânia. Ele tem 4 anos e é o único menino da turma. O garoto, que teve seu nome de registro trocado pela mãe, é um poço de fofura. Ele me dá oi, pergunta se estou bem, mostra a idade usando dedinhos da mão e manda beijo. Sua voz, infante e meiga, transmite todo o afeto que ele recebe. Quase posso ver a conexão visual entre Gilvânia e seu caçula.

Cada vez mais, a realidade do abrigo ficara para trás na lembrança das crianças. Gilvânia conta, inclusive, que sua filha mais velha, então com 11 anos, não gosta nem de falar nos genitores. Para Maria Helena, que também teve o nome alterado no ato da adoção, a genitora não é sua mãe. Sua mãe é Gilvânia.

Gilvânia conta que a genitora costumava ir até o abrigo em que as crianças estavam e as olhava de longe. Mesmo com a destituição familiar, que é quando uma família perde em definitivo a guarda de um menor e qualquer poder sobre ele, ela ainda costumava também ir à escola deles e perscrutar de longe.

Segundo Gilvânia, quando as chamadas de vídeo entre ela e os filhos começaram, o quarteto começou a contar no colégio que tinha encontrado uma mãe e que se mudariam. Os professores, então, começaram a perguntar para onde as crianças se mudariam.

Gilvânia diz que acha que talvez fosse para passar informações para a genitora, já que eles a conheciam. Por sorte, as crianças relataram essas perguntas no abrigo e a assistente social agiu logo. Resolveu trocá-las de escola até que Gilvânia chegasse para buscá-las. Como a adoção dos filhos de Gilvânia se deu por vias legais, não há a menor possibilidade dela perdê-los.

“A juíza achou ótimo que eu morasse em Goiânia, porque fica a sei lá quantos estados depois de lá, né?”

Gilvânia conta que a adaptação dos filhos com ela e à nova escola foi muito rápida:

“Foi assim, como se eles vivessem a vida toda comigo. Eu, não. Eu fiquei só o pó da rabiola”.

Eu a questiono então, se ela tem algum tipo de rede de apoio. É uma pergunta corriqueira, para que eu possa chegar o mais próximo possível da realidade da pessoa. E, sincera, Gilvânia responde:

“Olha, a rede de apoio, é o seguinte, quando você fala que vai adotar, todo mundo te dá a maior força. Mas, realmente, quando você necessita, ah, eu não posso... Ah, eu vou fazer isso... Ah, eu vou fazer aquilo... Aí a rede de apoio que falaram que seria uma rede de apoio, tipo assim, some...”

Então, praticamente, eu não tenho muito essa rede de apoio. Exceto uma irmã minha que mora aqui no mesmo lote que eu. Ela me ajuda muito olhando as crianças, porque eu trabalho. Eu levo só o Gustavo Henrique comigo. Ele eu não deixo em casa. E as três meninas ficam em casa. A mais velha, a do meio e a menor. Minha irmã mora no mesmo lote, então sempre está olhando. Sempre. Essa é a rede de apoio que eu tenho. A única”.

Gilvânia trabalha por conta própria. Ela fabrica camisetas e cropeds. Vende seus produtos

on-line e também em feiras especiais de Goiânia. Quando ela me conta isso, fico tentada a deixar todo meu salário na banquinha dela qualquer dia desses. Risos.

Por trabalhar de quinta à sábado, Gilvânia consegue passar todos os outros dias da semana com os filhos e acompanhar de perto o crescimento deles. Ela diz ter tido um certo medo com relação ao passado das crianças. Inclusive, não é um medo isolado, eu diria. Em vídeos de depoimentos da internet sobre adoção, o receio de pais adotantes sobre o passado dos futuros filhos, é algo comum:

“Eu tive medo. Por isso que o meu perfil não tinha menino. Porque normalmente a rebeldia a gente vê no sexo masculino. Mas também não é assim. A gente que coloca isso na cabeça, viu? Tem menina que é três vezes mais rebelde que um menino. A gente que coloca isso na cabeça. É, eu não tinha a intenção de adotar menino e o Gustavo hoje é meu grude. Aonde eu vou, ele tá junto. Então, assim, nada a ver meu pensamento de antes”.

Evangélica e de família também evangélica, Gilvânia ressalta que assim que deu início ao processo de adoção, começou a orar por seus filhos:

“Eu sempre orei pelos meus filhos. Eu sempre pedi para Deus que não me desse filhos rebeldes, porque eu não sei se eu daria conta. Queria filhos amáveis, filhos educados. E meus filhos são tudo isso. Tudo, tudo, tudo. Nada de rebeldia. Eu brigo, eu chamo atenção, eu ponho de castigo e ninguém fala nada. Ninguém retruca. Vai quietinho”.

Gilvânia tem de fato uma história fascinante. E eu ficaria por horas a escutando. Ficaria mesmo. Mas, por questões de forças maiores, nós vamos caminhando para o fim de nossa conversa e eu digo a

ela que espero conseguir traduzir tudo que ela me contou da melhor maneira possível.

Sempre fico com medo de não contar bem a história das pessoas, sabe querido leitor, querida leitora? Dizemos uma à outra que vamos manter contato. Porém, antes que desliguemos a chamada, ela faz uma correção: “*Não é Geovana. É Gilvânia*”.

Sim. Passei mais de uma hora chamando-a por um nome que não é o seu. Dá para acreditar? Ainda bem que esse tipo de coisa a gente corta na edição, né?

Capítulo 6

Da gravidez não planejada no auge das expectativas da vida

“Eu nunca quis ser mãe. Eu sou totalmente oposta às minhas irmãs. Elas sonharam em ter festa de 15 anos, baile, aquele ‘trem’ enorme. Eu nunca quis. Sonharam em ter baile de faculdade, casar, ter filhos. Eu nunca fui disso, entendeu? Sempre gostei da minha companhia”.

Nascida e criada numa cidade do interior de Goiás, Porangatu, Lailla Mylena, taurina, dona de oito tatuagens e de uma risada gostosa de ouvir, tinha 16 anos quando foi morar na capital goiana. Foi encontrar as duas irmãs mais velhas, que já moravam na grande Goiânia.

Lailla, no entanto, não estava apenas na companhia das irmãs. Contra a vontade de seus pais, ela dividia seu tempo entre os estudos e o namorado Caio Augusto, que era três anos mais velho do que ela. Caio decidira lagar tudo e acompanhar a jovem na mudança.

O rapaz, dono de olhos esverdeados e madeixas loiras, fora o seu primeiro envolvimento afe-

tivo. Juntos desde 2013, nutriam a vontade de casar, ter filhos (com o relacionamento estável, ela ponderou a possibilidade refutada anteriormente) e viverem felizes para sempre. Tal qual manda o manual Disney.

Um sonho que durante o primeiro ano de estadia na metrópole deu certo. O que mais um casal jovem e apaixonado pode querer? Um casal apaixonado e que não conta com o peso da rotina, da intensidade do próprio relacionamento, da vida?

No início de 2017, porém, as coisas saíram do roteiro. As brigas começaram a ficar cada vez mais frequentes e as agressões, físicas e verbais, também. Firme, Lailla que nunca admite que pessoa alguma levante a mão para ela, acabava reagindo ao comportamento de Caio da mesma maneira.

Depois de terminarem e voltarem algumas vezes, de janeiro a agosto daquele ano, romperam em definitivo. E, como passarinho liberto quer voar, recém-solteira, cursando o segundo período de Direito, Lailla passou a sair todos os dias com as novas amizades conquistadas na faculdade:

“Nesse sai aqui, sai ali, numa dessas festinhas, conheci o pai do Lucas Gabriel. Era aniversário de uma conhecida minha da faculdade. Eu fui para o aniversário e ele foi com um amigo dele. Ele não conhecia ela”. Um interessado no outro, conversaram a noite toda e foram embora juntos. “Nesse ir embora juntos, rolou o que tinha que rolar. E engravidei, na primeira ficada”, conta Lailla com ar de sorriso.

O momento da descoberta veio por meio de exames de rotina que ela costuma fazer de seis em seis meses: *“Eu fui fazer a ultrassonografia do útero e descobri que eu estava grávida de seis semanas”.*

Pronto. Coincidência ou não, foi só Lailla receber a notícia, que começou a sentir tudo que tinha direito. Lailla conta que ficava muito enjoada. De um simples copo de água até uma escovada de dentes, já era motivo para vômitos:

“Eu demorei a contar para meus pais. Quando fui contar para minha mãe, eu já estava com seis meses de gestação. Nesse período de seis semanas a seis meses, obviamente mil e uma coisas passaram na minha cabeça”.

Reticente, Lailla diz que tentou abortar. Sua voz carrega um tom de arrependimento nessa parte do assunto. Ela diz não ser a favor da legalização do aborto, por acreditar não ser algo certo e, sim, fruto de desespero: *“Quando é para acontecer, minha filha, vai acontecer”*, justifica-se.

“O que podia tentar, eu tentei. Mesmo que fosse contra a vontade de Deus. Com 18 anos eu não tinha um pingão de juízo. E eu também tinha muito medo de como seria a reação dos meus pais. Pensava que ia ser uma decepção muito grande para eles”.

Contar para o pai do neném, então, foi um desafio à parte, segundo Lailla:

“Quando eu descobri, fui atrás dele, mas ele desapareceu do mundo. Ele desapareceu. Sabe por quê? Eu simplesmente descobri que ele era noivo, que ele não era solteiro. Ele não tinha rede social, então não tinha como eu confirmar. Era só o WhatsApp dele que eu tinha”.

O primeiro contato só aconteceu quando Lucas Gabriel estava com 2 meses:

“Ele demorou a aceitar, também, né, é óbvio. A gente fez teste de DNA. Ele era bastante distante. Não fazia questão. Eu acho que ele estava num processo de aceitação para depois criar um sentimento e tal”, reflete.

Mesmo estando noivo na época em que conheceu Lailla, José Élio, mais conhecido como Neto, não chegou a se casar. Segundo Lailla o término não aconteceu por causa do surgimento do filho. A vida dela, por sua vez, sofreu alterações por causa do surgimento de Lucas. Ela precisou trancar o curso por um período e quando voltou, estava pegando menos matérias que o habitual.

Dá para perceber a frustração de Lailla de ter atrasado um ano e ainda não ter se formado na profissão que escolhera. Recai, quase sempre, sobre a mulher a responsabilidade de criar uma criança. As noites em claro verificando febre, a preocupação em comprar uma lembrança para o coleguinha aniversariante do mês na escola, a programação dos passeios do final de semana. Uma jornada invisível aos olhos da sociedade.

Por ter a guarda total do filho, Lailla arca com a maior parte da rotina dos cuidados com ele e diz não ser uma tarefa fácil:

“O Lucas Gabriel é muito apegado a mim. Ele não aceita, por exemplo, um final de semana que é normal um pai pegar para dormir, o Lucas não aceita. O que acaba sendo cansativo, porque eu não tenho um descanso no final de semana que outras mães solos têm, sabe? É só com o pai.

Porque se minha irmã passa lá em casa e chama ele para dormir na casa dela, ele vai. Acho que mais é isso, porque a rotina do dia-a-dia eu já me acostumei. Vão fazer cinco anos que eu tenho essa rotina. Lógico que às vezes atrapalha, mas a gente se acostuma”.

Lailla acredita que tem fases e fases e que a que seu filho está passando é mais tranquila, mesmo ele já dando alguns sinais de autoritarismo como o da mãe. Risos.

Ao contrário de muitas mulheres que também são mães solo, Lailla diz que considera que tem uma rede de apoio, ou seja, pessoas que lhe ajudam de alguma forma com a criação de Lucas Gabriel. O próprio pai do neném, os pais de Lailla, uma de suas irmãs e um cunhado. Por conta da gravidez de Lailla, sua mãe se mudou para a capital. O pai, autônomo, ainda se divide entre Goiânia e Porangatu. Lailla e José não chegam a ser exatamente amigos, segundo ela:

“Hoje em dia a gente se respeita, porque antes a gente não tinha respeito um com o outro. A gente carregava a culpa. Ele me culpava e eu culpava ele. Ele me culpava por não ter usado pílula do dia seguinte e eu culpava ele porque ele não usou camisinha”.

Apesar do apego de Lucas Gabriel à Lailla, ela diz que a relação do menino com o pai é excelente. Eles convivem desde os 5 meses de vida do garoto. Na escola, Lucas é uma criança tranquila. Houve algumas reclamações quando as aulas retornaram ao modelo presencial, mas agora as coisas já se normalizaram, segundo Lailla.

Questionada se deseja ter mais filhos, ela responde que por enquanto não, por ter passado muitas dificuldades com Lucas. Mas não descarta a possibilidade se estiver em um relacionamento ou num casamento que ela veja que vá durar.

Como um exercício de consciência ou talvez de auto perdão, Lailla alega que se pudesse falar algo para sua versão de 18, a mandaria ter juízo, pois a vida não é esse estado de “foda-se”. E caso pudesse também conversar com a sua versão que se descobrira grávida enquanto estava no auge da faculdade, a pediria calma e diria que tudo iria dar certo:

“Tem pessoas que pensam antes de fazer as coisas e tem outras que fazem por impulso. E, muitas vezes, as pessoas da nossa idade, 18, 19 anos, estão naquela fase de, uau, eu posso beber, eu posso sair, eu posso curtir, eu mando em mim, entendeu? Quem sofre durante a gravidez, com o parto e após a gravidez, é a mulher. O homem só coloca o esperma e pronto.

Eu tentei parto normal. Eu tentei normal até 5 centímetros, mas aí desisti e fiz cesariana. Comecei a perder líquido pela manhã, minha bolsa estourou mais ou menos às 19h e, quando foi umas duas da madrugada, eu desisti. Comecei a sentir muita dor, comecei a sangrar e minha mãe começou a chorar”.

Com medo e preocupada que o filho pudesse ter alguma complicação, Laylla aceitou fazer cesariana e Lucas Gabriel nasceu pouco depois das 3 da madrugada.

Pergunto à Lailla o que ela diria para as mulheres que estejam na mesma situação em que ela se viu aos 18 anos e ela fala:

“O conselho que eu dou é pedir calma. Não é uma coisa que vai destruir sua vida e, sim, vai acrescentar, vai te tornar uma pessoa melhor. Eu aprendi muito com a vinda do meu filho. Nossa, demais. E eu aconselho que essa pessoa que possa estar passando pelo que eu passei, para ela ter paciência. Vai dar tudo certo.

Óbvio que é um processo demorado de aceitação. Não é da noite para o dia que você vai aceitar. Mas após esse sentimento de negação, de rejeição, vem o amor e é a coisa mais linda que você vai ter. Não é fácil, mas também não é uma coisa impossível. Nada é impossível aos olhos de Deus”.

Capítulo 7

Tudo o que o inferno representa está contido na palavra abandono

“Bom, eu engravidei com 23 anos e quando a Rebeca¹ nasceu, eu já tinha 24. A Rebeca foi fruto de um relacionamento longo. Conheci o genitor dela em 2016. Ficamos juntos por quatro anos, nos separamos por um ano e, no final de 2020, nós voltamos. Em maio de 2021, eu descobri a gestação. Uma semana antes de descobrir a gestação, eu decidi que o melhor para nós era nos separarmos. Não estava dando certo.

As brigas e a falta de confiança eram imensas. Assim que descobri, no mesmo minuto, liguei para ele aos prantos falando que estava grávida. A princípio, ele achou que eu estava zoando ou brincando, mas depois ele viu que era sério. Eu fiquei muito assustada, porque não era o que eu queria para aquele momento. Óbvio que sei que foi falta de responsabilidade, mas eu, de verdade, não queria acreditar que aquilo estava acontecendo.

Assim que cheguei em casa, no dia mesmo em que eu descobri, contei para minha mãe. Ela ficou super brava,

mas me apoiou. A sugestão do genitor foi abortar, já que ‘aquilo’, segundo as palavras dele, ainda não era nada e nem dava para saber se um dia seria. A partir daí eu já vi que a minha luta seria extensa.

A maternidade solo começou já na gestação. Resumindo, nos meus 8 meses e meio gestando a Rebeca, eu passei por absolutamente tudo sozinha. Ele não me acompanhou em nenhum exame, mesmo que eu insistisse, não me ajudou com o enxoval, nunca perguntava sobre a gestação. Eu tive uma gestação de risco, tive mil coisas que eu nem sabia que existiam e por isso a Rebeca adiantou um pouquinho na hora de nascer. Mas nasceu saudável, graças a Deus. Desde que eu estava grávida, eu procurei a justiça para saber sobre pensão etc. Me informaram que poderiam pedir os alimentos gravídicos, mas eu não quis. Minha cabeça de grávida sentimental não achava certo. Esperei a Rebeca nascer e, com dez dias, comecei o processo longo e desgastante.

Essa história foi contada por Paula Borges, num fôlego só. Paula tem 25 anos, é moradora do interior de Minas Gerais e nós nos conhecemos por meio de um grupo do quase falecido Facebook. Eu havia feito um post me apresentando, explicando sobre meu trabalho, e perguntei se alguém conhecia ou se identificava enquanto mãe solo e poderia falar comigo.

Não demorou muito e choveram comentários. Tentei responder a todos. Juro. Mas, quando olhei o perfil de Paula, pensei: preciso chamar essa moça. E chamei. Pelo Face não deu certo, então tentei pelo Instagram. Funcionou. Do Instagram, fomos para o WhatsApp e lá a conversa fluiu. Paula queria falar. Mais do que querer, ela precisava. Era nítido:

“Quando ela nasceu, ele registrou ela. Mas ele ainda fazia menos que o mínimo. Tudo da Rebeca é por minha

conta. Preocupação com médicos, com roupas, alimentação, cuidados diários. Ele a vê uma vez por semana, quando vê. No dia dos pais, ele não fez questão de vir pegar ela. Ele tem direito concedido pela Justiça de levar ela aos domingos por duas horas. Eu consegui a guarda unilateral, que é quando a guarda é de apenas um dos genitores, sendo que a outra parte mantém o direito de visitas e o de acompanhar e supervisionar as decisões quanto à criação do filho, mas, para ser sincera, quando se é mãe solo, a concessão da guarda unilateral é mera formalidade.

Desde a gestação, somos nós, as mães solo, que decidimos tudo e qualquer coisa sobre as nossas crianças. O genitor da Rebeca é um pai de fórum. Paga a pensão para não ser preso, mas nunca mandou uma mensagem perguntando se ela estava precisando de algo. Não pergunta como ela está, não sabe absolutamente nada sobre o dia a dia dela, sobre a saúde dela. Inclusive, ela o estranha quando ele chega, o que parte meu coração. Eu tenho que deixar ele levar ela, mas ela vai chorando e volta chorando. É um caos”.

Em uma das mensagens, Paula diz que a filha é a melhor coisa que a aconteceu, que enxergou isso ainda grávida e com mesmo tudo virado de cabeça para baixo, não consegue se imaginar sem a neném. Mas também declara que é uma grande responsabilidade e dor de cabeça, porque ela não se lembra da última vez em que seu banho durou mais que 5 minutos, da última noite inteira que dormiu ou da última vez que comeu uma refeição quente. Ao ler essa espécie de desabafo, engulo em seco. É inevitável não querer abraçá-la.

Era uma quinta-feira, 18 de agosto, quando tivemos essa primeira conversa. Não me recordo do que fiz naquele dia, mas o dia de Paula aparentemente

foi bem cheio. Ela diz que naquela quinta só conseguiu escovar os dentes às 13 horas, mesmo tendo acordado às 7 da manhã. Engulo em seco de novo:

“Apesar de morar com mais gente aqui, atualmente meu padrasto está com metástase óssea. Somos aqui em casa eu, minha mãe, meu irmão mais novo, meu padrasto e a Rebeca. Então meu padrasto precisa de muitos cuidados e acaba que não tem como ninguém me ajudar com nada para a Rebeca. Roupas para lavar e passar, objetos para cuidar e limpar, quarto, banho, cuidados no geral com a Rebeca e com as coisas dela são completamente por minha conta.

Eu brinco que dia e noite não têm a menor diferença para mim. Estou sempre fazendo as mesmas coisas. E isso é o básico. Minha vida meio que pausou sem data para retorno. Eu tive que sair do meu emprego de 6 anos por não ter com quem deixar a Rebeca. Meu salário não daria para sustentar ela e pagar alguém ou uma escolinha. Então escolhi sair. Ela também tinha só 4 meses, eu teria que dar fórmula e tirar ela do peito pelo menos durante o dia. Foi uma decisão complicada, mas eu abro mão de tudo e qualquer coisa por ela.

Eu não sei mais quem eu sou. Só sei que eu sou mãe. Não tenho tempo para me divertir ou sair, não sei o que é cuidar de mim, não tenho expectativas pessoais. Tudo que eu tenho que pensar, se não se encaixar à Rebeca, se não fizer bem para ela, eu desisto. Eu também sou filha de uma mãe solo e por isso me culpo em dobro, porque eu acabei sendo culpada por dar a mesma sentença de pai bosta para minha filha.

A gente se culpa para caramba, sabe Juliana? Você se sente a mais burra desse mundo. Hoje eu enxergo que, graças a Deus, não convivi com meu genitor e que não é sobre mim, é sobre ele essa questão do abandono. Mas até

eu entender tudo isso, foram muitas lágrimas e espera na sala por alguém que só falava e não aparecia. Não queria que a Rebeca passasse por isso”.

Paula e eu conversamos num fim de tarde de um domingo, via Google Meet. Por conta da logística com a neném, ela pediu uns dias de prazo para que pudesse se organizar. Nos planos de Paula, quando o genitor da Rebeca a pegasse por míseras duas horas no domingo poderíamos nos falar mais tranquilamente. Porém, naquele 21 de agosto, ele não apareceu.

Segundo Paula, ele deu mais uma de suas desculpas esfarrapadas para não buscar a filha. Era nítida a decepção de Paula com o comportamento do ex-namorado. Do outro lado da tela, a jovem mãe se dividiu entre me contar sobre sua história e prestar atenção no sono da cria. Se Rebeca acordasse, ela precisaria subir até o quarto para pegá-la. Paula estava bem à vontade. Estava usando um roupão para facilitar a amamentação e me ouvia através dos fones de ouvido do celular:

“Eu descobri minha gestação numa quarta-feira, se não me engano. Numa sexta eu fiz exame de sangue e numa segunda da outra semana eu já estava fazendo meu pré-natal. Já comecei a correr atrás dos exames, vitaminas, enfim... eu estava de quatro semanas. Quatro semanas exatas. Eu sempre fui muito certinha na minha menstruação, sabe? E antes mesmo de atrasar para mim, eu já estava me olhando no espelho e me achando a pessoa mais estranha do mundo. Eu não sei te explicar como, mas eu me via assim...”

E eu falava, meu Deus do céu, eu estou muito diferente. Essa não sou eu. Não saberia te falar ah, eu engordei, ah, eu mudei, não tinha nada para me apontar fisicamen-

te. Mas eu me olhava e eu falava, não, estou diferente. E minha menstruação não tinha nem atrasado. Quando foi na terça-feira que era para descer e não desceu, eu falei, não, eu estou grávida. Tenho certeza. Na quarta-feira eu fiz teste de farmácia mesmo, sabe? E deu positivo. Foi tudo muito, muito difícil.

Com 20 e poucas semanas, eu não lembro as semanas exatas, mas foi em agosto do ano passado, eu descobri que minha gestação era de risco, porque eu tinha polidrâmnio (aumento do líquido amniótico que pode favorecer o aparecimento de algumas complicações durante a gravidez como crescimento e desenvolvimento fetal excessivo, descolamento da placenta, parto prematuro, trabalho de parto prolongado e dificuldade respiratória da mulher).

Em seguida eu fiz mais exames e descobri que eu tinha hipertireoidismo, que pode causar complicações como crescimento retardado do bebê, morte fetal e aborto. Desde o sexto mês eu escutava que a Rebeca poderia nascer prematura. E com 6 meses não tem chance alguma de uma criança sobreviver. Tem chance, mas é mínima, mínima, mínima”.

O polidrâmnio pode ocorrer porque a criança tem má formação, Síndrome de Down, entre outras causas, o que poderia fazer com que a bolsa rompesse antes da hora. Paula conta, também, que por conta do polidrâmnio, por um tempo, foi necessário até guardar repouso, evitar pegar peso e fazer longas caminhadas, para preservar a saúde dela e de sua filha. Havia o risco de que Rebeca nascesse com problema de vista ou de coração. A própria Paula corria o risco de ter uma parada cardíaca:

“E, nisso, todo mundo sabe que quando a gente espera uma criança, a gente se prepara para isso. Não importa

como. Ah, vou comprar tudo novo, que não foi meu caso nem de perto. Mas a gente se prepara, né? A gente compra uma coisinha aqui, compra uma coisinha ali...”

Por causa do câncer do padrasto de Paula, as coisas foram ficando mais complicadas. Era ele que até então tinha a maior renda da casa. E com seu adoecimento, naturalmente, precisou parar de trabalhar. Paula assumiu as responsabilidades financeiras da família por um tempo, o que fez com que ela fosse ficando sem dinheiro. Em sua casa, à época, eram ela, a mãe, o padrasto e um irmão mais novo:

“Muitas das coisas que a Rebeca teve foram doadas. Quantas e quantas peças eu tive que tirar bolor, porque peguei do fundo de uma caixa que estava na igreja há sei lá quanto tempo. Tipo assim, não é que eu seja mal agradecida, mas, nossa, eu chorei até. Porque eu sempre idealizei uma coisa e eu estava me sentindo uma péssima mãe. Uma pessoa super, hiper irresponsável. Porque é minha primeira filha e para mim vai ser a única, eu não pretendo ter filhos mais e eu estava usando roupas emboloradas nela, porque eu não tinha condições de comprar uma pechinha nova.

Mesmo que fosse de 10, 15 reais, eu não podia comprar, senão a gente aqui em casa ia ficar sem comer, entendeu? Então, assim, sou muito grata a Deus por todos os anjos que ele pôs na minha vida, por ter conseguido as coisas para ela. Mas, de verdade, só Deus sabe o tanto que eu chorei e como me senti”

Paula diz que sempre relatava ao genitor de Rebeca a situação. Ela conta, com emoção na voz, que certa vez ele disse que a criança ainda não precisava de nada, pois ainda não tinha nascido e que Paula estaria querendo atenção para si. Sem muitas alternativas para montar o enxoval de Rebeca, Pau-

la decidiu fazer um chá rifa. Segundo ela, foi o que a salvou durante muito tempo. Na época de nossa entrevista, Rebeca estava para completar 8 meses e os lencinhos ganhados no chá, haviam acabado há poucos dias.

Foi por meio do chá rifa, também, que Paula conseguiu arrecadar o valor do berço e da cômoda. O senso de coletividade é muito forte na história de Paula. Fico com a sensação de que a chegada de Rebeca mobilizou muita gente. Tipo quando tem um evento na rua e a vizinhança se junta para fazer com tudo ocorra da melhor maneira possível.

Amparada pela Lei 14.151, de 12 de maio de 2021, que dispunha sobre o afastamento da empregada gestante das atividades de trabalho presencial durante a emergência de saúde pública de importância nacional decorrente do novo coronavírus, Paula ainda recebia seu salário. E era com ele que pagaria o prêmio do chá rifa.

Estava previsto que Rebeca nascesse no dia 12 de janeiro de 2022. Mas, de alguma forma, Paula diz que sabia que sua gestação não chegaria até a data calculada pelos médicos. Por conta do surgimento de uma colestase, ela precisou ser internada em 22 de dezembro. E, bem, segundo minhas pesquisas no Google, colestase é qualquer condição em que o fluxo de bile do fígado diminui ou para. Biles é um fluido digestivo e a colestase pode ser causada por infecção do fígado, cálculos biliares e câncer, aparentemente.

Como se quisesse ajudar a mãe a fazer o tratamento, Rebeca resolveu nascer no dia 26. Por um lado, foi bom, pois Paula não poderia tomar os medicamentos para combater a questão no fígado com

uma criança em seu ventre. Por outro, porém, foi desesperador. Prestes a parir, depois do feriado de natal, Paula estava sozinha no hospital:

“No dia que foi para ela nascer, minha bolsa rompeu à 1h15. E aí eu liguei para o pai e ele perguntou, mas você quer que eu faça o quê? Ai, menina, eu juro para você, se eu tivesse uma espingarda e conseguisse atirar até lá na casa dele, eu tinha feito. Juro por Deus. Aí foi maior briga. Eu falando para ele que ele tinha que ir lá e tal e isso e aquilo. E ele falando que criança não nasce rápido assim. Eu estava com um medo.

Foi uma mistura de emoções. Eu falava, meu Deus, minha filha vai nascer o que que eu faço? Nossa, tá doendo. Não, mas, pera. E se ela nascer e não tiver ninguém aqui? Nossa, foi uma mistura. E eu chorava e de repente eu estava feliz, estava com dor, aí voltava a chorar..”

Paula diz ter ficado 22 horas em trabalho de parto. Ela enfatiza isso, rindo: *“Tanto esforço para acabar em uma cesárea”*.

Segundo Paula, quando Rebeca encaixou, por volta de meio-dia, a dor aumentou de intensidade e sua glicose foi abaixando:

“Eu quase desmaiei. Tudo que eu beliscava, eu vomitava. Eu queria um parto normal, sabe? Era meu sonho. Eu queria um parto normal. Às 22 horas que eu tentei, fui eu insistindo. Mas aí eu fui ficando nervosa, fui ficando cansada, fui ficando com medo”.

A essa altura, Paula já estava acompanhada. O genitor de Rebeca estava no quarto com ela, mas dormindo. Ela brinca que a ida dele até lá foi só para fazê-la passar raiva:

“Eu agachava no chão e ficava com dor. Eu chorava de dor. A enfermeira, inclusive, chamou atenção dele para ele poder me ajudar, para ele ser útil em alguma coisa e

foi o mesmo que nada. Por fim, a Rebeca nasceu. Acabou numa cesárea. Eu desmaiei na cesárea. Eu não vi minha filha nascer”.

Paula diz se lembrar de entrar no centro cirúrgico com o cateter de analgesia e ocitocina nas costas: *“Já tinha umas 5 horas que eu estava com aquela coisa nas costas”.*

Ela me explica que analgesia e ocitocina serve para auxiliar a mãe que quer um parto vaginal, mas está cansada. Porém, nem essa indução adiantou no caso dela:

“Depois, colocaram anestesia e eu não lembro de mais nada. Eu lembro de subir para o quarto no elevador. Minha filha já tinha nascido, tudo já tinha acontecido e eu não vi nada”.

O genitor de Rebeca tirou algumas fotos para não dizer que não registrou o momento. Na segunda-feira, no entanto, antes das 7 horas, disse que ia embora porque tinha que trabalhar.

Paula saiu do hospital dia 30 de dezembro e por duas semanas, ela e o genitor de Rebeca hastearam bandeira branca. Conversaram e concluíram que a bebê era uma inocente, não havia pedido para nascer e que o foco deles seria ela. Somente ela. Diante disso, Paula pediu para que o pai de Rebeca comprasse algumas fraldas. Segundo Paula, esse foi o único pedido dela para o ex-namorado. O único.

No um dia que as fraldas estavam acabando, Paula o avisou pela manhã. E reforçou que só daria até de tarde, no máximo. Entretanto, anoiteceu e ele nada. Apenas disse que não tinha dado para levar as fraldas até a casa de Paula e que no outro dia, sem falta pela manhã, ele levaria. Amanheceu e, de novo, nada. De acordo com Paula, o genitor só foi apare-

cer no terceiro dia, à noite. Compreensivelmente cansada e quem sabe até enraivecida pela demora, Paula disse que daquele modo não tinha condição, já que a outra parte não tinha responsabilidade.

Ela sugeriu, então, que numa data combinada, de maneira mensal, ele depositasse dinheiro para Rebeca. A famosa pensão. E com o dinheiro, a própria Paula se preocuparia em assumir as responsabilidades com a filha deles:

“Mexeu com coisa de dinheiro e ele se transformou em um dragão de sete cabeças. Disse que eu era interesseira, se era para isso que eu tinha tido filho...”

Paula, mais uma vez, tentou argumentar e disse que por Rebeca ser uma criança, que eles que teriam que a bancar, por serem os pais dela. O genitor, na defensiva, disse que daria R\$ 200 apenas. Pois, por ela ser pequenininha, não era necessário mais que isso para mantê-la. Um valor maior que este, serviria para sustentar Paula, segundo ele. Foi necessário que Paula entrasse na Justiça, via defensoria pública, para requerer os direitos da filha.

Ela o havia procurado durante a gravidez, mas deixou de lado por acreditar que ao ver Rebeca já nascida, o rapaz mudaria. Eles haviam namorado por 4 anos e falavam sobre planos de ter filhos. Inclusive, o nome da garota foi escolhido enquanto eles ainda estavam juntos. Infelizmente, nem os avós paternos de Rebeca demonstraram interesse em ter uma relação com ela.

Paula conta que ela teve que levar a filha aos 27 dias de nascida para conhecer os avós, por falta de procura deles:

“Eles até iam vir conhecer ela, sabe? Mas tudo mudou quando ele disse que eu tinha pedido pensão”. De acordo

com Paula, a família do ex-namorado tem uma boa condição financeira: *“Eles não passam a metade das dificuldades que a gente passa aqui em casa. Eu não estou falando de alguém assalariado. Eu estou falando de um empresário autônomo”*.

Paula manifesta que considera que a gravidez foi uma irresponsabilidade das duas partes. Ela não queria tomar hormônios, pois estava fazendo mal para seu corpo. O ex-namorado, por sua vez, se negava a usar preservativo:

“Só que é aquele negócio, os dois foram irresponsáveis, só que a partir daí, já que aconteceu, tem como desfazer? Não tem como desfazer. Agora é cada um assumir sua parte. Eu estou esperando ele até hoje assumir de verdade a parte dele...”

¹ a pedido, os nomes nesta entrevista são fictícios. E, infelizmente, um mês e dez dias depois do nosso diálogo, o padrasto de Paula veio a falecer. Nós nos falamos outras vezes pelo WhatsApp e ela me disse que a perda estava sendo muito difícil para a mãe dela, mas estavam vivendo um dia por vez.

Capítulo 8

Você nunca sabe quando se tornará a próxima ‘louca’ na lista de um covarde

Universitária pela UFRJ, cursando pedagogia, minha oitava entrevistada para este livro foi Joana Oliveira, nome fictício. Nós nos conhecemos por meio de um grupo de Facebook. Antes de entrarmos de fato na pauta, a carioca e eu batemos um papo quase que de comadres. Ela estava impressionada com o fato de eu ter deficiência visual, já que a inclusão, segundo Joana, permeia sua graduação. Quando as apresentações foram devidamente feitas e a futura pedagoga sentiu-se à vontade, abriu o coração:

“Meu nome é Joana Oliveira. Eu tenho 29 anos. Eu sou mãe de um casal. Da Brenda de 12 anos e do Felipe, de 9. Como é difícil falar de mim sem falar deles... É muito difícil... Eu sou universitária. Eu ingressei na universidade em 2018 e, nesse momento, o meu filho mais novo tinha por volta de 5 anos e meio. E a Brenda tinha 8 anos. A diferença é de mais ou menos 3 anos entre os dois. Eu ingressei no curso noturno. Estava casada. Eu estava nesse

relacionamento desde 2008, a Brenda veio em 2010. Eu era muito jovem”.

Joana diz ter engatado o namoro, que depois tornou-se matrimônio, aos 15 anos:

“A Brenda nasceu quando eu tinha 16. Como eu falei para você, venho do subúrbio do Rio de Janeiro, uma cidade tomada pelo tráfico de drogas, pelo crime organizado. Onde as periferias são sempre precarizadas, né? Mas eu sempre me senti deslocada daquele lugar. Eu sempre tive consciência do que eu era, consciência da minha realidade, de que eu era pobre, de que as coisas vinham com muita dificuldade. E da ausência da figura masculina”.

Nascida e criada no bairro de Bangu, zona oeste do Rio, vinda de uma casa de sete mulheres, Joana cresceu com mais três irmãs, sendo uma mais velha e duas mais novas que ela. Viu a mãe e a tia serem abandonadas pelos parceiros. A avó, semianalfabeta, é de Minas Gerais e encontrou o patriarca da família já na Cidade Maravilhosa.

Ela relembra os tempos de infância e menciona ter sido uma época difícil, pois as crianças da parentela comiam fubá com açúcar pela manhã e fubá com sal à noite. A escola, explica Joana, era um ambiente mais que educacional nesse período, por proporcionar uma refeição completa e às vezes a única do dia para si e os seus. *“Eu via na escola essa oportunidade”.*

Saudosa, descreve que só viu sentido real em estar na escola depois de ter entrado no ensino fundamental e começar a ganhar coisas por meio da escrita de redações. Seu primeiro prêmio foi a camisa da Seleção Brasileira da copa de 2002. Naquele ano, o uniforme do time que traria o tetra para casa, era azul e foi uma imagem que ficou marcada em sua memória.

“E foi dali que eu comecei a pensar, caramba, eu vou tirar alguma coisa daqui... Se eu me dedicar a isso aqui, isso vai me dar algo, vai me levar a algo. Pra mim, ali naquele momento, era uma camisa do Brasil, mas lógico que isso ia me jogar para outros lugares, né?”

Joana considera que seu relacionamento com Adriano, o pai das crianças, de certa forma, serviu para alavancar sua vontade de progredir na vida. Onze anos mais velho que Joana, seu então companheiro já era concursado e militar do Exército Brasileiro. Reflexiva com a própria história, Joana faz alusão a um estudo da OCDE que analisa dados acerca de pessoas que nem estudam e nem trabalham.

Sem citar dados específicos dessa inatividade expressa no estudo, por não se lembrar de cor e nem estar com o material em mãos, ela faz uma comparação com a realidade em que esteve inserida e divaga sobre o maior número de pessoas sem uma ocupação formal serem do sexo feminino e jovens, ou seja, dos 15 aos 29 anos:

“Quando você olha esse estudo ainda mais de perto, você percebe que essas mulheres que nem estudam e nem trabalham estão vivendo a maternidade. Muitas vezes de forma precoce e muitas vezes inseridas em famílias extremamente pobres, beirando a miséria”.

Joana discorre, ainda fazendo comparativos com suas respectivas vivências, a respeito de que quando um membro de uma família muito pobre sai de casa, é uma boca a menos para alimentar e que no imaginário das pessoas ao redor, a partir desta saída, um novo lar vai se formar. E talvez esta nova descendência tenha possibilidades a mais que as anteriores tiveram:

“Isso aconteceu comigo. Eu acredito, não de maneira consciente, mas pensando ser o melhor para mim, que minha mãe e minha avó devem ter pensado: ‘porque não casar minha filha ou minha neta com esse cara? Pô, funcionário público, militar, né? Por que não? Ela engravidou, mas vai formar uma nova família’... Eu, durante muito tempo, não tive consciência disso, cheguei a culpar a minha família.

Porque eu falava assim, ‘cara, não tem cabimento uma discrepância dessa de idades, de lugares tão diferentes, né?’ Porque, oposto a mim, o meu então marido, vinha de uma família de militares. O pai dele era militar. O irmão mais novo dele estava galgando esse lugar, hoje também é militar. Ele sempre teve a figura paterna e materna presentes na vida dele, porque os pais permaneceram juntos até a viuvez da minha então sogra. Então, assim, oposto a mim. Extremo oposto”.

Por conta da carreira de Adriano, a fluminense e os filhos o acompanhavam quando ele precisava se mudar de estado. Primeiro, moraram no Paraná. Uma estadia que durou três anos. De 2009 a 2012. Grávidos de Felipe, retornaram ao Rio de Janeiro. Em 2013 e 2014, o casal, então com duas crianças, residiu no Pará.

Mais uma vez regressaram para os braços do Cristo e mais uma vez precisaram refazer as malas para partirem. O novo destino foi o Rio Grande do Sul, onde a família manteve-se de 2015 a 2018.

“Sempre fomos nós. Nós dois, depois nós três e depois nós quatro. E eu de alguma forma nunca quis voltar pro Rio... Eu tenho uma referência recente muito boa do Sul. Do Rio Grande do Sul mais precisamente, mas é aí que entra esse meu... esse meu escurecimento...”

Joana explica que foi morar numa cidade do interior gaúcho, onde 99,99% dos habitantes são

brancos e de descendência alemã. Ao ponto de falarem alemão na rua. E ela se viu como diferente, coisa que não tinha acontecido em nenhum outro lugar, conta:

“Eu me via muito diferente daquelas pessoas. As pessoas me olhavam, falavam comigo frases do tipo... Tava sol, né? Ai, ainda bem que você tem essa cor. Tá muito sol, tá muito quente e você tá acostumada, tá protegida porque você tem essa cor... Teve um fato inusitado. Não, inusitado não, desagradável.

Na hora de fazer a matrícula da minha filha na escola, eles perguntaram, ah, qual é a raça? Branca, preta ou parda? Ai eu ainda fiquei assim... né? Bom, mas na certidão tá parda... Será que eu coloco parda? Será que eu coloco negra? Não sei...

Aí uma pessoa lá de traz falou assim, ah, é melhor colocar negra, né? Porque ela vai ter direitos... Tipo assim, ela deu a entender que se eu colocasse negra, preta, ela entraria naquele coeficiente das cotas. Daquele lugar que as pessoas colocam como privilégio. Cotas para negros, cotas para vocês...

Aí eu fiquei incomodada com aquele comentário e falei, mas, ué, não é direito da minha filha estudar? E aí eu falei, põe negra, preta... Pra mim isso é indiferente. Mas não é tão indiferente. Eles estavam vendo a minha cor e eu comecei a ver a minha cor.

Eu me assumi. Porque eu tinha o cabelo pranchado, cheio de química. E eu cortei meu cabelo. Deixei crescer e fui cortando. Falei, quer saber, não vou mais lidar com isso e cortei logo tudo e fiquei com o cabelo bem curtinho, cacheado. No primeiro dia eu estava super empolgada, no segundo eu falei meu Deus, por que eu fiz isso?”

Joana narra que começou a participar de grupos que se identificavam como negros e faziam culto à

cultura africana, por conta de seu processo de es-
curecimento. O então marido, um negro de pele
retinta, também enfrentou questões com relação à
sua cor. Chegou até mesmo a sentir que sofria per-
seguições dentro do quartel em que trabalhava. Mas
nunca associou essas perseguições ao tom de pele:

*“Ele chegou pra mim e falou, eu quero ir embora des-
sa cidade. Adriano nunca tinha falado isso. Eu falei, mas
por quê? E ele disse porquê... eu fui ajudar uns agentes de
saúde... os agentes de saúde estavam naquela campanha de
dengue e eles chamavam os militares pra poder ajudar o
pessoal, porque às vezes as pessoas não queriam abrir a casa
e tudo mais, toda aquela coisa, né? E aí ele falou que chegou
numa determinada casa pra acompanhar esses agentes de
saúde e a pessoa da casa virou pra ele e falou, ah, mas no
meu tempo, o exército não aceitava qualquer um...”*

*Claramente isso se referia a ele pela cor que ele tem,
né? E ele falou que não soube como reagir. E ele falou que
ficou ali na viatura pelo resto do dia, que não teve mais
vontade de fazer nada... E eu falei, caramba, que situa-
ção. Foi a primeira vez que eu vi ele falar que não gostava
da cidade, que queria ir embora da cidade... E a Brenda
vivendo também esse lugar, porque ela era a única negra
na sala de aula, era a única negra não sei aonde... Eu vi
essa questão racial bem de perto”.*

Apesar dos contratemplos, Joana diz que o Sul
foi uma experiência bacana para ela, pois, depois de
tantos empecilhos, em 2015 ela concluiu o ensino
médio e conquistou seu diploma. Passou, então, a se
perguntar o que faria a partir dali e iniciou um flerte
com a possibilidade de ingressar na universidade.

Em 2017, mais uma vez, realizou o Exame Na-
cional do Ensino Médio (ENEM) e prestou vestibular
só por precaução. Passou. O resultado saiu em

dezembro: aprovada para o curso de pedagogia para a Universidade Federal de Santa Maria.

Em janeiro de 2018, no entanto, seu mundo caiu com a notícia de que seu companheiro seria transferido uma vez mais para o Rio de Janeiro. Semelhante a um processo de luto, Joana relembra que teve sensação de perda quando pensou que teria que deixar tudo para trás por conta da mudança: amigos, trabalho, bem-estar.

Relutante, bateu o pé que ficaria no Rio Grande do Sul com as crianças, visto que sempre era tida como a mulher do sargento ou a mãe de fulano, os objetivos que estava almejando seriam algo para si. Só para si. A entrada na universidade seria algo por si.

Abnegada e sem condições de continuar em terras gaúchas, Joana regressou com a família para as terras do samba e da feijoada. Entretanto, não desistiu de seu sonho. Vivendo um estado de melancolia por tudo que passara nos últimos meses, tentou a transferência de seu curso para a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Não deu certo. Ela precisou esperar o SISU do meio do ano. Inscreveu-se e, após longos dias de ansiedade e incertezas, recebeu um e-mail falando que havia sido aprovada em primeira chamada na UFRJ. Só quando já tinha entregue todos os papéis nos lugares necessários, Joana sentiu-se à vontade para comunicar a aprovação para sua família.

A recepção da notícia não foi como ela esperava, dado que a mãe e a avó julgavam que a filha/neta não ganharia dinheiro com o curso de pedagogia:

“Não era só eu, né? Toda a dinâmica da família ia mudar com aquele lugar. Meu marido ia trabalhar durante o dia, meu curso era à noite, então eu tinha que levar as

crianças pra escola, ajeitar a casa, buscar as crianças na escola. O Adriano saía às 16 horas.

Eu entrava na faculdade às 18h30. Eu pegava as crianças, entrava no ônibus, entregava as crianças pro Adriano, que trabalhava no centro da cidade. Entregava eles na Central do Brasil, no centro do Rio de Janeiro. Ele voltava com eles pra casa e eu ia pra Botafogo”.

A rotina intensa de Joana durou o primeiro período da faculdade todo. No segundo, surgiu uma oportunidade de estágio, mas acabou não dando certo. E em decorrência das obrigações estudantis, das obrigações com a casa e os filhos, a relação amorosa de Joana foi se desgastando. O filho mais novo do casal estava numa nova escola, iniciando a fase de alfabetização:

“Eu comecei a me sentir muito sobrecarregada. Não sentia aquela parceria que a gente tinha nos anos anteriores. Minha filha mais velha sofrendo porque meu cunhado mais novo fazia bullying com ela, por conta da aparência. Ela sempre teve o cabelo muito armado, muito crespo e meu cunhado mais novo fazia bullying com ela. As notas da Brendinha caindo na escola e a gente sem entender o porquê...

Enquanto isso, a outra pessoa vivia plena. O meu mundo começou a cair, de novo, com essas pequenas demandas que foram vindo e ele vivendo como se nada estivesse acontecendo. Eu falei, aquele cara que tava comigo naquelas outras situações, não tá mais. A imagem daquela pessoa, não sei, foi se desfazendo pra mim. Eu não admirava mais ele. Essa situação em específico foi muito marcante pra mim. Muito marcante”.

Em 24 de junho de 2019, menos de um ano depois de Joana ter ingressado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ela se separou. Naquela segunda-

-feira, a estudante de pedagogia entregou um trabalho final de antropologia do semestre. Após mais uma briga do casal, a mãe de Brenda e Felipe resolveu dar um basta na situação. Foi dormir na casa de sua mãe e tomou café no dia seguinte com a avó.

Num passeio de bicicleta pelo bairro em que cresceu, Joana refletiu sobre os papéis que pertenciam a si e se permitiu, naquele momento, ocupar apenas o papel de filha e de neta. Afinal, ela estava em casa. Estava revisitando o lugar que era seu por direito:

“Eu decidi me separar, fiquei em casa com as crianças, me organizei da melhor forma. Ele ficou alojado no quartel, mas continuava visitando os filhos, convivendo com eles. Mas depois ele pegava as crianças para passar o final de semana na casa da mãe dele, porque ele não tinha casa, né? Ele só ia pra mãe quando tinha que pegar as crianças.

E aí ele e a mãe divergiam e toda vez que isso acontecia, ele me ligava e falava, vai pra casa que eu tô levando as crianças. Tinha sempre o negocinho das crianças passarem o final de semana lá na vó e voltarem sem o dever de casa ser feito... Então era uma sobrecarga a mais que eu tinha pra poder dar conta do que não era feito com ele”.

Desgastada, numa discussão, Joana disse ao ex-marido que se o que ela estava fazendo não estava bom, que ele assumisse a responsabilidade. Sem pensar muito, a mãe de Brenda e Felipe, saiu de casa, deixando as crianças para trás. Com pouco dinheiro para se manter, passou a noite em um albergue. Ela diz ter caído em si cerca de dois dias depois. Mas, quando tentou voltar para casa, o pai das crianças disse que ela só poderia retornar quando falasse com a psicóloga que a acompanhava.

Joana atendeu a sugestão do militar. Falou com sua terapeuta e ouviu que estava em sofrimento

emocional. Foi recomendada a procurar ajuda com uma psiquiatra. Mais uma vez, compreendeu sua situação e aceitou se consultar com a psiquiatra. Relatou tudo ao genitor de seus filhos. De novo, ouviu que só poderia voltar para casa quando enfim fosse atendida pela profissional que a psicóloga sinalizou:

“Eu tava horrível, menina. Eu tava horrível. Eu tava destruída, então o que ele falava pra mim, eu fazia, porque era pra eu poder voltar pra casa”.

Com a desculpa de que tinha que pegar algumas coisas, Joana foi ao apartamento em que morou com o ex-marido e os filhos, agora desocupado, já que as crianças estavam com a avó. Tomou um banho e almoçou. Quando o sargento disse que já estava na hora dela se retirar, ela resolveu que não se retiraria. Mesmo com a negativa do PM, ela insistiu em ficar:

“Ele começou a pegar as minhas coisas e jogar no corredor: ‘não, cê vai sair sim, cê vai sair, cê vai sair’. E eu: ‘não vou sair, não vou sair, não vou sair’. E ele me empurrando, me levando pra fora e eu me segurando em tudo. Tudo que eu via pela frente eu me segurava. Eu começava a gritar e ninguém aparecia. Eu escorreguei e caí no chão.

Foi quando ele tentou me sufocar com o travesseiro. Foi quando... Foi quando eu pensei assim: ‘cara, se eu não falar que eu vou embora, eu vou morrer’. Ele não me batia com a mão dele. Ele me jogava contra as coisas, contra a parede, contra isso, contra aquilo e eu lutava, né? Ele me xingava, me chamava de tudo quanto era nome.

Ele tentou me sufocar e eu já tava muito cansada. Cansada de lutar. Foi quando eu falei pra ele: ‘eu vou sair, eu vou sair. Deixa só eu me levantar’. E ele me deixou respirar, me recompor e eu levantei e saí, porque eu pensava: ‘eu não vou sair daqui viva’. Eu acho que é a primeira vez

que eu conto isso sem chorar. Eu já contei essa história e eu chorei horrores. É a primeira vez que eu consigo contar sem chorar”.

Por receio do que poderia acontecer, já que o ex-marido era servidor público, militar e ainda estava com as crianças, Joana não quis o denunciar. Ela diz se cobrar até hoje por não o ter feito:

“Eu fui me ajeitando, porque minha mãe só me deu o teto. O de comer, o de vestir, o de tomar banho, eu tinha que me virar. Eu trabalhava de segunda a segunda pra poder comprar sabonete, pra poder pagar a passagem pra ir pra faculdade, pra poder pagar a passagem pra ir pro estágio. Eu via as crianças uma vez por semana, mas ele falava assim: ‘você não pode levar as crianças, você só pode ver as crianças lá na pracinha em frente ao condomínio.’ E era sempre com a supervisão do pai dele ou da mãe dele.

Até que ele começou a liberar para eles passarem um final de semana comigo, passarem um feriado extenso. Era ele que ia dando as cartas e eu sempre acatava porque queria estar perto dos meus filhos, não queria sair dali. E eu fazendo tratamento, tomando antidepressivo e eu não podia contar pra minha família.

Minha família é super preconceituosa. Acha que pessoas que estão em tratamento estão loucas. Eu vivendo tudo aquilo ali e ao mesmo tempo ele criou pra ele uma outra realidade. Ele criou pra ele uma realidade de que ele era um homem abandonado por sua esposa, com dois filhos pequenos. E todo mundo comprou a história dele.

Até a minha família comprou a história dele. Então, assim, eu vivendo tudo aquilo ali e as pessoas tanto da parte da minha família, quanto da parte da família dele compraram a história dele. E aí as crianças passaram comigo o natal, a virada de ano e o carnaval de 2020. Até

que veio a pandemia de Covid. Eles não estavam comigo. Eles estavam com a avó. E a gente sem saber o que fazer, aquele fecha tudo, todo mundo em casa, depois de um tempo eu perdi o contato com as crianças”.

Sim, querida leitora, querido leitor, foi isso mesmo que você leu. Joana perdeu o contato com seus filhos. Ela descobriu que o ex-marido saiu da casa da mãe e havia ido morar com uma outra pessoa, uma namorada.

Joana, que precisou sair da casa da mãe porque a convivência entre ambas não era fácil e fora morar de favor com uma outra pessoa, um relacionamento amoroso que ela estava tendo na época, conta ter ficado sem notícias dos filhos por três meses. De março a junho de 2020. Seus filhos, Brenda e Felipe poderiam estar em qualquer lugar do Brasil:

“Ele dizia pras pessoas que se eu soubesse onde ele estava, eu ia fazer escândalo na casa dele, que eu ia fazer isso, que eu ia fazer aquilo, tá entendendo? Que eu era uma pessoa completamente desequilibrada. Eu fui em vários lugares. Eu fui no conselho do tutelar, eu fui na delegacia da criança que fica ali no centro da cidade. Fui em vários lugares. Até que o cara da delegacia olhou pra mim e falou assim: ‘de quem que você tá falando?’ E eu falei: ‘olha, ele é militar, ele serve em um quartel assim, assim, assim’. E ele falou: ‘cara, vai lá’. Por que eu não pensei assim, né? A coisa mais lógica era eu ir até o quartel que ele servia.

Mas só me caiu a ficha quando o cara falou pra mim. E aí eu fui lá. O pai das crianças acabou ligando pra minha irmã e falando que ele tava correndo o risco de ser exonerado, porque eu fui lá no quartel fazer acontecer. Até que ele deixou eu ver as crianças. Eu não podia levar. Eu só podia ver”.

De junho a agosto Joana e o PM dividiram os cuidados com os filhos. As crianças passavam 15 dias com o pai e um final de semana com a mãe. Ou uma semana com a mãe e duas com o pai. No final de agosto daquele ano, Joana recebeu uma ligação que a desesperou: era o pai das crianças dizendo que ela não iria mais pegá-las e que se ela quisesse receber algum valor para os filhos, entrasse na justiça. A angústia que ela possivelmente sentiu naquele dia surge em sua voz enquanto me faz o relato:

“Eu entrei em desespero. Eu falei: ‘cara, o quê que eu vou fazer? Eu tô na casa de uma pessoa de favor’. Primeiro vem o estado de negação. Tipo, isso não está acontecendo. Falei: ‘caramba, cadê a mãe dele?’ - A mãe dele não tá no Rio de Janeiro. Foi visitar um filho em outra cidade. Falei: ‘vou lá na casa do único parente dele que eu conheço’. Fui na casa de umas tias dele. Falei: ‘amanhã vou trabalhar, liga para o Fulano de tal, porque amanhã vou trabalhar. Fui pra casa e dormi.

No outro dia fui fazer minha faxina. Quando eu cheguei, minha irmã me ligou e disse: ‘deixa eu te falar uma coisa, o Adriano entregou as crianças aqui em casa’. Eu falei: ‘é mesmo?’ E ela falou: ‘sim, ele deixou as crianças aqui, as coisas das crianças’. Eu falei assim: ‘segura aí pra mim até amanhã’ e ela disse: ‘seguro’.

No outro dia eu fui lá, busquei as crianças e falei: ‘eu vou lá no apartamento, eu tenho certeza que ele não tá lá. Tá em outro lugar’. Arrumei um chaveiro e consegui entrar no condomínio, entrei no apartamento. O apartamento estava vazio. Vazio. Tinha nada, nada, nada. Eu catei o pouco que tinha. Só algumas coisas das crianças e alguns papeis, documentos”.

Joana narra que a pessoa com a qual ela estava se relacionando na época, a ajudou a encontrar um

lugar que ela pudesse morar com os filhos, já que a relação deles não previa a possibilidade de morarem todos juntos. A carioca diz ter uma gratidão eterna por essa pessoa e que quando ela achou um novo lugar, foram colocando o mínimo que dava para habitarem o local. Uma geladeira, um fogão... Ela chegou a fazer vaquinha on-line para dar conta das recentes responsabilidades:

“Minha família não me ajudou em nada. Eu tive a ajuda de estranhos. Incrível isso, né? E eu acho que é pra refletir também como eu não sabia ser ajudada. Sabia disso? Eu não sabia. Como a gente não sabe ser ajudado. Não somos sozinhos. Nós só somos o que somos porque a gente vive em comunidade, em grupos”.

Joana conta que enquanto estava casada, não conseguiu perceber que vivia um matrimônio abusivo e que só foi notar isso quando pessoas próximas começaram a comentar com ela o que o ex-marido dizia sobre a ex-esposa. Adriano a difamou, a privou da companhia dos filhos, a isolou.

Como tantas outras mulheres que passam pelo mesmo tipo de situação, querido leitor, querida leitora, Joana avalia que só reconhecia as agressões físicas porque deixavam marcas. Não conseguia associar as atitudes do ex-companheiro a agressões psicológicas ou patrimonial, por exemplo:

“Eu digo pra você, depois eu fui reparar, eu já vivia essa maternidade solo. Até quando a gente vivia junto. Porque todas as obrigações com as crianças, com a casa, era pra mim. Ele sempre tinha que estar bem alinhado, bem arrumado pra trazer o pão de cada dia.

Ele não podia abdicar das suas funções pra cuidar dos filhos ou pra fazer algo em relação à casa. Eu não sabia que isso era possível. Mas é possível você viver uma ma-

ternidade solo mesmo estando junto, estando na instituição casamento, família...”

Em janeiro de 2021, Adriano ligou mais uma vez para a mãe de seus filhos e a informou que a partir daquele momento, nem as visitas quinzenais ele faria aos menores. Só veria os filhos quando o juiz determinasse. Joana e eu conversamos em agosto de 2022 e até o dia de nossa entrevista, ele de fato não havia pego e nem visto os filhos.

Segundo Joana, o contato era telefônico, mas até isso com o passar do tempo foi diminuindo. Há pelo menos três meses Brenda e Felipe não ouviam a voz do pai. De acordo com Joana, até onde ela sabe, Adriano também cortara relações com os pais. Os avós das crianças são presentes na vida delas.

Joana diz engolir muitos sapos para que o final de semana em que os filhos não estão com ela, eles estejam com a avó, porque só assim ela tem algum tempo livre. Adriano só paga pensão porque foi uma ordem judicial.

Capítulo 9

Aborto masculino: uma realidade que não aceita maquiagem

Querido leitor, querida leitora, até aqui, você leu histórias de mulheres que são mães solo e suas crias. Elas dividiram conosco angústias, alegrias, medos, dúvidas e mais um milhão de sentimentos que sou incapaz de nomear. Muitas vezes, fiquei sem palavras diante dos relatos dessas mulheres. Muitas vezes, quis dar um abraço em cada uma delas. Muitas vezes, achei que não conseguiria contemplar a grandeza que cada uma traz em sua trajetória.

Eu, que sempre quis acreditar na lenda urbana da imparcialidade jornalística; eu, que ouvi durante quatro anos de graduação que a notícia não é sobre quem a está contando; eu, que tanto resisti admitir que meu trabalho partia de uma pesquisa participativa, agora me rendo. Agora me rendo e venho, por meio deste capítulo, contar minha história.

Digo, fragmentos da minha história, porque partes dela são partes das histórias e memórias de

outras pessoas. Inclusive, algumas dessas pessoas já não estão entre nós.

Para quem não me conhece e para aqueles que já conheceram alguma versão de mim, vou me apresentar: Juliana Heleno dos Santos. Este foi o nome e sobrenome que me deram quando nasci. Nasci em 18 de julho de 2000. Nelson Mandela e eu fazemos aniversário no mesmo dia, acredita? Isso não é muito relevante, mas gosto de me exhibir.

Nasci em uma terça-feira, às 12h40. Costumo brincar que naquele dia minha mãe não almoçou. De vez em quando, me pergunto se isso influencia o fato de que tem dias que também não quero almoçar. Simplesmente não quero.

Minha refeição preferida é o café da manhã. Deus, quanta beleza existe em um copo de leite com chocolate e pão de queijo quentinho, por exemplo. Como boa neta que sou do meu avô, não sou muito fã de pão de queijo amanhecido ou guardado da manhã para tarde. O nome disso é enjoo, eu sei.

Sou filha de Maria da Glória Ribeiro dos Santos e Marcos Heleno Pereira. Quer dizer, filha, filha mesmo, eu sou só da minha mãe. De Marcos sou a versão inversa de genitor. Qual será o nome disso, hein? Acho que prole encaixa bem no que estou tentando dizer. Quando há ligação genética, mas não existe vínculo afetivo.

Marcos e minha mãe nunca foram casados. É difícil tentar classificar qual foi o tipo de relacionamento que tiveram ao certo. Eles chegaram a morar juntos por um tempo, segundo os escassos relatos que obtive a respeito ao longo dos anos. Mas, de acordo com minha mãe, Marcos saía às sextas e

só voltava às segundas. Por outro lado, ele diz que ambos eram novos demais...

Quando nasci, tinha os olhos azulados. Ninguém na maternidade parece ter alertado minha mãe com relação a isso. Foi tia Rose, uma amiga dela de longa data, e que por muitas vezes me carregou no colo, que a sugeriu me levar a um oftalmologista: *“Essa menina deve ter problema de vista”*, comentava. Dito e feito.

O diagnóstico veio mais ou menos aos 3 meses de idade: glaucoma congênito. Glaucoma é o aumento da pressão ocular e pode levar à cegueira. Quando a pessoa adquire depois de nascida, é mais fácil de estabilizar o quadro. Mas, no meu caso, que o adquiri no útero de dona Maria da Glória, o diagnóstico já veio com uma sentença: *“Mãezinha, a Ju só vai enxergar até os 10 anos”*, disse meu oftalmologista. O chamemos de Eduardo Paixão.

Esse não é o nome dele nem de longe, mas eu acho que combina com a profissão e não quero expor meu médico. Muitas pessoas podem achar que o que ele disse foi pesado demais. E, apesar de talvez ter sido, é o que diz a medicina. Certas realidades não aceitam maquiagem, sabe?

“Mãezinha, a Ju só vai enxergar até os 10 anos e isso com a ajuda de óculos, tampões, lupas. Nós precisamos cuidar é da pressão do olho dela”. E cuidaram. O doutor Eduardo me acompanha desde o diagnóstico até os dias atuais. Foi ele que realizou as mais de 13 cirurgias que já fiz nos olhos, se meus cálculos não estiverem errados. A primeira foi quando eu tinha só 5 meses de vida. A última foi aos 12 anos. Quer dizer, a última até o momento, né?

O glaucoma tem a agenda dele e eu tenho a minha. Não dá para afirmar com certeza que não vou

precisar mais de cirurgias. Mas apesar de tudo, nós convivemos bem. Tirando as dores fortíssimas de cabeça, tive uma infância até que boa. Como quase toda criança com deficiência, muitas vezes ouvi dos adultos que eu deveria ficar sentadinha, que não era para correr muito, que precisava ter cuidado para não me machucar.

É provável que por conta dessa proteção excessiva eu tenha perdido bons momentos, mas não cabe a mim jogar as decisões que tomaram pensando no meu bem-estar. Isso é maior que eu e talvez até maior que as pessoas envolvidas nesses episódios.

Após meu nascimento, não demorou muito para que o relacionamento de minha mãe e meu genitor terminasse de vez. Segundo ela, Marcos teria dito que não tinha como eu ser filha dele porque na família dele não tinha ninguém com deficiência visual. Forte, né? Também acho. Ainda de acordo com dona Maria (ela não gosta que a chame assim, mas eu chamo só por pirraça), ela arrumou um trabalho e, um belo dia, juntou nossas coisas quando Marcos saiu para o serviço e esvaziou a casa. Mais tarde, ele me diria que não foi atrás de nós porque ela não deixou o endereço. Um pecado. Um pecado!

Dessa separação repentina, só me lembro de uma coisa: nós três sentados em uma mesa, que até pouco tempo ainda estava lá em casa. Minha mãe estava na cabeceira e Marcos na minha frente. Eu queria sentar no colo dele, mas ao mesmo tempo tinha a sensação de que ele era um estranho. Não sei explicar.

Em uma carta endereçada à minha versão de 3 anos, que é mais ou menos a idade que eu deveria ter nessa lembrança, digo que foi melhor assim.

E foi melhor porque depois disso ele se levantou, girou nos calcanhares e saiu. Simplesmente partiu. Não houve uma conversa, não houve uma tentativa de ao menos cumprir o papel de pai. Ele apenas saiu pela porta da frente. O nome disso? Aborto masculino. Uma prática muito autorizada no Brasil.

Sem endereço fixo e sem renda, Marcos acabou escapando da justiça e não cumpriu nem com suas obrigações legais, como pagar pensão. Mas, muito mais que não pagar pensão, ele também não esteve presente em nenhum aniversário meu, nunca assinou um termo de responsabilidade na porta do centro cirúrgico antes de eu entrar em uma operação e talvez não voltar, nunca viu os boletins da escola. Ao invés disso, quem sempre esteve presente foram meus tios, tias, amigos da família e sobretudo meus avós. Era essa galera que dava uma força quando algo saía do planejado. E algo saiu do planejado algumas vezes.

Desde que me entendo por gente, somos minha mãe e eu em casa. Ela sempre trabalhou muito para me dar do bom e do melhor, como diz ela. Já teve época das nossas vidas dela sair de casa às 7 horas e voltar às 19 horas. Eu convivía mais com meus professores e meus amigos no colégio que com ela. E não é muito difícil saber o porquê disso: mulher preta, sem estudos concluídos, foi ser faxineira.

Uma função digna como qualquer outra, mas que a sociedade insiste em inferiorizar. Maldito racismo, maldita herança escravocrata, que muitas vezes fez minha mãe suportar humilhações e sabe lá Iemanjá mais o quê, por causa de um dinheiro ao final do dia ou do mês. Dinheiro esse que ela usava para tentar compensar a ausência física. Ela não ia

às reuniões da escola, mas de vez em quando chegava com doces para mim.

Ela não brincava comigo de casinha por sempre estar muito cansada, mas me deu o computadorzinho da Xuxa quando eu tinha 8 anos. Nem sempre ela me ajudava com as tarefas de matemática, mas toda vez que ia no Centro renovava minha coleção de dinheirinho falso e isso me garantiu uma conta bancária imaginária de causar inveja a qualquer um.

Entre os meus 10 e 11 anos, meu patrimônio fictício não cabia mais dentro de uma lata de sorvete. Sério, eu era muito rica, cara! A Receita Federal teria dificuldades de rastrear meus bens. Mas, como tudo na vida passa, por mais clichê que isso seja, os anos da infância foram dando espaço aos anos de adolecer.

Eu continuava passando boa parte do meu tempo sozinha. Fazia um breve relato de como tinha sido meu dia para minha mãe, quando ela chegava do serviço, e perguntava pelo dela. De acordo com ela, eu era comportada. E era mesmo. Dona Maria da Glória nunca recebeu uma ligação da escola, nunca ouviu de algum vizinho que eu estava brigando na rua, nunca precisou se preocupar se eu estava tendo bons modos para com os mais velhos.

Hoje sei que toda essa boa conduta, digamos, veio muito por causa da característica da deficiência e das condições em que fui criada. Eu tinha medo. Medo de me machucar, medo de fazer alguma coisa e ir parar na diretoria do colégio, medo de ganhar broncas. Foi nessa época também que comecei a guardar minhas questões mais para mim. Eu imaginava que os adultos já tinham problemas demais e não entenderiam meus conflitos, porque

sempre que alguém me via tristonha, falava para eu não ficar assim.

Francamente, ajuda em que alguém que está em um dia cinzento ouvir não fica assim? Talvez tenha sido em função desse silenciamento que fui adquirindo a suposta maturidade que dizem que tenho hoje. Sempre ouvi que sou mais madura que o esperado para minha idade. As pessoas acham isso incrível, mas se esquecem que essa resiliência, essa visão de mundo muito precoce, tira a oportunidade de uma criança, de um adolescente, vivenciar as experiências de sua idade. Quando a gente está muito à frente do esperado, acaba não tendo muita paciência com quem não nos acompanha, sabe? Risos.

No auge do ensino médio, quando eu tinha de 15 para 16 anos, fiquei um semestre afastada da escola. Por ter os dedos dos pés curtos, precisei fazer uma cirurgia de alongamento ósseo e fiquei cinco meses e 2 dias na cadeira de rodas. Como eu ia de van para o colégio, todos acharam melhor eu receber as aulas em casa. Só quando passei a usar as botas ortopédicas, em junho de 2016, recebi autorização familiar para voltar às minhas atividades estudantis. A cirurgia havia sido em novembro de 2015. A autorização médica já havia acontecido, mas como expliquei, não era viável no momento.

Acho que foi nessa época que tive minhas primeiras experiências com mudanças bruscas, com perdas, com recomeço. Apesar de continuar estudando no colégio que sempre estudei, a escola já não era mais a mesma. Eu me senti deslocada. Praticamente novata em um lugar que antes era minha segunda casa. Era como se minha vida tivesse sofrido uma pausa e a vida de todos ao redor tivesse continua-

do sem mim. Posso estar sendo um pouco dramática? Posso. Mas era assim que eu me sentia. Culpe meu signo: câncer. Enquanto eu estava a todo vapor, digamos, meus colegas já estavam cansados. E todo mundo só queria passar logo para o segundo ano.

Ao contrário do primeiro ano de ensino médio, os dois últimos passaram voando. Durante o segundo, quando enfim eu já me sentia em território amigável de novo, fiz novos amigos e, pela primeira vez, mudei de lugar em anos. Risos. Passei a sentar na fileira da parede, ao invés de ser na primeira carteira da segunda fila depois da porta. Obviamente, as conversas paralelas aumentaram de intensidade. Lembro de uma vez a professora de física dizer que iria me colocar para fora. Tadinha. Não tiro a razão dela. Já era a quarta vez em que ela chamava minha atenção dentro de uma aula.

Tenho orgulho disso? Não. Mas são fatos verídicos e jornalistas trabalham com fatos verídicos. Em outra ocasião, tive que assinar uma advertência coletiva. O motivo? Minha turma estava na aula de educação física e achou que não teríamos a aula seguinte. Ninguém nem se esforçou para ir conferir se tinha ou não. A professora passou conteúdo para a meia dúzia de alunos que foi até a sala, por via das dúvidas.

Ela não os deixou voltar para dar o recado para nós outros, infratores da lei. Mas, foi minha chegada ao terceirão que me deu frio na barriga de verdade. E se eu não tirasse uma nota boa no ENEM? E se eu não passasse no vestibular? E se eu não entrasse na faculdade? Sempre soube que minhas chances de traçar um caminho alternativo ao dos estudos eram menores que de outras pessoas.

Enquanto tem gente que pode... sei lá... dar algum outro jeito de ir ganhando seu próprio dinheiro, a maneira mais garantida para mim era a faculdade. E ainda assim já era algo muito difícil também.

Fiz o vestibular da PUC em 6 de outubro de 2018. Precisei controlar a ansiedade até o dia 16, que foi quando o resultado saiu: aprovada em sexto lugar para o curso de jornalismo matutino. Eram 80 candidatos para 25 vagas, se não me engano. A modalidade que fiz foi o vestibular social. Uma espécie de programa de bolsa interna que a PUC oferece para estudantes de baixa renda. Aquele dia foi um dia feliz.

Recebi tantas mensagens de parabéns, de felicitações para que eu tivesse um futuro de sucesso, que fosse brilhante na profissão que escolhi. Amigos, professores, familiares, todos vibravam com as possibilidades que se abririam para mim. Ju, a menina prodígio, iria longe. Mas como nem tudo são flores, o meu ingresso na universidade de fato, dependia do pagamento adiantado da primeira matrícula.

Na época, eram R\$ 683. Confesso que fiquei receosa, porque sabia que era um valor fora do orçamento da minha mãe, que basicamente era quem pagava minhas contas. No entanto, após sentarmos e recalcularmos nossa rota, dona Maria da Glória decidiu que naquele mês atrasaria o aluguel para poder bancar o sonho da primogênita e caçula ao mesmo tempo.

Eu iria sim, senhora para a faculdade depois da escola. Lembro de dona Filomena, nome fictício para a proprietária da casa em que morávamos, cobrando minha mãe. Ela não ameaçou nos colocar

para fora e nem nada do tipo, mas ficou de mau humor por alguns dias: “*Depois passa*”, dizia minha mãe.

Em 5 de dezembro de 2018, no auditório da Câmara Municipal de Goiânia, aconteceu minha colação de grau. Apesar de eu não ser muito chegada nesse tipo de evento, foi um momento bonito. Eu estava concluindo uma etapa importante da minha vida e pessoas que me amavam estavam presentes, fosse de maneira física ou em energia. Porque não sei você, mas acredito muito que quando a gente vibra por algo ou alguém, estamos presentes nessa causa ou com essa pessoa.

Em 8 de dezembro, aconteceu o baile de gala do colégio. De novo, foi uma noite mágica. Eu estava linda e aproveitei cada segundo. Eu moraria naquela noite se fosse possível. Mais uma vez, recebi felicitações para o futuro que me aguardava. Agora, o início do sonho estava logo ali.

E estava mesmo, em 31 de janeiro de 2019, fui para minha primeira aula na universidade. Eu, que há mais de dez anos tinha sido aluna da mesma instituição de ensino, agora estava indo rumo ao desconhecido. Muita coisa passou pela minha cabeça durante o trajeto da minha casa até o Campus V da Pontifícia Universidade Católica Goiás. Eu queria chorar, queria rir, queria abraçar todos que estiveram comigo até aquele momento. E, por outro lado, queria voltar para minha zona de conforto.

E se eu não conseguisse? Se não fosse boa o suficiente para estar numa universidade? De repente, era como se eu tivesse esquecido tudo o que aprendi durante todos meus anos de estudante. Haveria um déficit de conhecimento entre meus novos colegas, que mais tarde eu aprenderia a encarar como

concorrentes, e eu. Lembro de naquela manhã de quinta-feira receber um áudio no WhatsApp de Maria Quitéria.

Ela foi minha professora de português nos anos finais do ensino médio e fundamental. Conhecia minhas glórias e meus fracassos enquanto aluna como ninguém e como ninguém também gostava de me estimular: “Pequena, vai lá e bebe de todas as fontes possíveis de conhecimento, com essa sede de saber que você tem”.

“*Se alguém mexer com você, você manda chamar sua protetora aqui, tá?*”? Nem Buda seria capaz de dizer quantas vezes ouvi aquele áudio ao longo daquele dia, daquela semana, ao longo do semestre. Ouvir aquelas palavras de alguma forma me remetia a um lugar afetivo e seguro. Se fosse possível, acho que eu teria mandado a chamar mesmo. Risos.

O primeiro período passou voando e tudo era motivo de me fazer ter brilho nos olhos por trás de minhas pupilas opacas. Já no primeiro mês, fiz amizades que duram até hoje. A primeira delas foi com uma garota chamada Laura, que mais tarde apelidei de Burguesa.

Laura saiu da própria zona de conforto para vir falar comigo em um momento em que eu estava precisando de ajuda para sair da sala depois da aula: “*Moça, você aceita ajuda?*”? Ela perguntou toda tímida, tadinha. Respondi que aceitava, sim. Eu não tinha a menor ideia de espaço naquele lugar. Depois de Laura, Vitória e Franciele se juntaram a nós.

No final de fevereiro, quando as matrículas estavam quase se encerrando, uma menina novata entrou na nossa turma de fotografia. Era dona Yorrana. Eu praticamente a interroguei numa aula fora

do estúdio numa sexta de manhã e depois a chamei no WhatsApp. Apesar dela ter me achado doida, deu certo. Yorrana e eu somos amigas até hoje.

Laura trocou de curso, Franciele teve neném agora no final da graduação e é com a Vitória que eu volto da aula de vez em quando, fofocando. Nós moramos perto e nunca fiquei tão feliz com uma coincidência. É bobo, mas é a primeira vez que moro próximo de alguém da mesma sala.

Primeiro módulo concluído com sucesso, o segundo semestre daquele ano não trouxe em seus primeiros dias de agosto nenhuma indicação de que aquele seria um semestre marcante em minha vida. Eu continuava com a mesma empolgação com as aulas, ao menos durante a primeira semana e, vez ou outra, conversava alguma coisa com alguém da época de colégio.

Em breve começaria a andar desacompanhada, pois estava pegando aulas de orientação e mobilidade no CEBRAV. (Orientação e Mobilidade é um curso que pessoas com deficiência visual fazem para poderem se locomover sozinhas e CEBRAV é o Centro Brasileiro de Apoio e Reabilitação ao Deficiente Visual.)

Mas foi numa manhã de sábado, 14 de setembro, que tomei a decisão mais repentina da minha vida. Naquele dia eu acordei agitada depois de um sonho supostamente com meu genitor. No meu íntimo, sempre me perguntava como ele estaria, se eu tinha mais irmãos além do que eu já sabia, se tinha muitos primos e essas coisas todas. A típica fantasia que filhos que não convivem com um dos pais faz, sabe? É a tentativa de preencher um vazio, justificar a ausência, sei lá. Muitas vezes pensei que

eu não era suficiente nem como filha, afinal, meu próprio pai não me quis. De novo, um troféu drama para mim, por favor.

Determinada, peguei o celular e comecei a pesquisar os nomes da família nas redes sociais. Quem tem Facebook hoje tem tudo, meu bem. O site já está quase falecido, mas ainda serve para missões FBI. Depois de algumas buscas rápidas, achei uma menina que, se meus cálculos estivessem certos, seria minha prima. Justamente uma que minha mãe disse algumas vezes que me mordida quando eu era criança. Mandeí mensagem para ela? Não. Eu não poderia chegar tão de surpresa assim, né? Pensei, pensei e quando fui olhando os comentários de minha talvez parente, encontrei um nome conhecido. Uma amiga dela e eu havíamos estudado no mesmo colégio.

Não tive dúvidas. Mandeí mensagem para Luana e perguntei se ela conhecia Dhiovana. “*É minha melhor amiga*”, foi a resposta que apareceu do outro lado da tela do celular. Meu coração quase parou. Eu estava a um passo de entrar em contato com o passado. Eu poderia ter desistido, porém, já tinha ido muito longe para isso.

Contei a história toda para Luana e em poucos minutos eu já estava falando ao telefone com a mãe de Dhiovana, ou seja, minha tia. Eu tremia e minhas mãos suavam frio como nunca. Conversamos uns 20 minutos por ligação, acho.

E mesmo Márcia sendo uma pessoa adorável, não tive coragem de fazer a pergunta presa em minha garganta há pelo menos 16 anos: e o Marcos? Eu não sabia nem como tratar aquelas pessoas. Do nada, eu tinha primos e uma tia. Gente que carrega-

va alguns dos mesmos genes que eu, mas não passava disso.

Não demorou muito para que eu falasse com quem mais me interessava, digamos. Márcia passou meu contato para ele e ele me enviou um áudio. Eu gelei. Por alguns segundos desejei voltar no tempo, desfazer o que tinha feito. A essa altura eu já tinha contado tudo para minha mãe, claro. Ela ficou mais surpresa que eu.

Daí pra frente, não me recordo mais de muitos detalhes. Foi um fim de semana denso. Passei as duas semanas seguintes conversando todos os dias com Dhiovana. Ela me apresentou outra prima e nós três fizemos um grupo no WhatsApp, coisa assim.

Às vezes parecia um reencontro de almas, às vezes parecia que nunca tínhamos nos visto. Era estranho e reconfortante ao mesmo tempo. Em 28 de setembro, um sábado também, Márcia, o esposo, os dois filhos mais novos deles e um quinto elemento foram me visitar. O quinto elemento, no caso, é o outro filho do meu genitor. Alguém que tentei considerar como irmão, mas não consegui. Pode me julgar, se quiser.

Não tenho nada contra ele. Não tenho mesmo. Só não consigo ter esse tipo de afeto com alguém que eu mal sabia o nome até outro dia. Sei que ele não tem culpa pelo acontecido. Na verdade, nenhum de nós tem. Talvez ele tenha sido tão vítima quanto eu nessa história toda, já que apesar de ter crescido com o genitor, não recebeu carinho do pai. Como disse minha psicóloga à época, tem gente que nasce para ser pai e tem gente que nasce para ser genitor. Marcos, no caso, parece ter nascido para o segundo papel.

Nesse primeiro encontro, em minha casa, ele não foi. Deu qualquer desculpa esfarrapada e não foi. O resultado disso não poderia ter sido outro: passei o domingo de cama. Na segunda, me arrasava mais que tudo pela faculdade e depois de novo em casa. Já é a segunda rejeição em menos de 20 anos, eu me lamentava. Não é possível, não é possível, não é possível, repetia para mim mesma.

Algumas pessoas próximas que souberam do ocorrido, enviaram mensagens ou me ligaram para demonstrarem afeto: *“Ju, o problema é amor, meu bem? Se for isso, a gente te ama mais”*, lembro de ter ouvido na terça à noite seguinte ao encontro sem encontro. Não. O problema não era amor. Nunca foi. Nesse quesito, graças a Eros, sou bem servida. Obrigada.

O problema é que tinha uma parte da minha história que eu desconhecia e queria saber o que essa parte tinha para me dizer. Não sei se por curiosidade nata ou se de alguma forma já era a máxima jornalística de sempre ouvir todas as versões se impondo sobre minhas ações.

Não consigo me recordar com exatidão quando, enfim, se deu o encontro pelo qual eu esperava, de certa maneira. Eu queria, mas ao mesmo tempo, gostaria de não ter que passar por ele. O inevitável, vá lá, aconteceu em um domingo. Nos encontramos na casa de Márcia. Gentil, ela fez minha comida preferida: estrogonofe e comprou doce de leite, meu doce preferido também, para a sobremesa.

Quando minha mãe e eu chegamos lá, o motivo das minhas buscas e de tudo aquilo estar acontecendo já estava ao nosso aguardo. Por Anne Frank, nunca estive tão desconfortável em cumprimentar alguém. Dizer oi para um estranho na rua teria sido mais fá-

cil, verdade seja dita. Juliana, o que você foi fazer? O que você foi fazer? Eu me advertia em silêncio.

Na hora da refeição, muito gostosa por sinal, nos mantivemos todos no campo dos assuntos amenos: a situação de algum time de futebol no Brasileirão ou coisa assim; a minha estadia na faculdade sem grandes acontecimentos recentes; meu uso constante de fones junto ao celular.

Quando terminei, agradei à Márcia, que eu ainda me esforçava muito para chamar de tia, pela comida ótima e pedi para minha mãe me levar até a sala para eu continuar conversando com meus novos primos. Eu precisava sair com urgência daquele recinto. Na verdade, eu precisava ir embora com urgência. Mas seria muito mal-educado da minha parte.

E foi quando eu estava conversando com minha prima, que Marcos chamou minha mãe e pediu para ela me falar que ele gostaria de conversar comigo. Ela falou. Mas eu estava resistente. Ela insistiu. E eu sabia que aquilo tinha que acontecer. Então pedi para a pombo-correio repassar o recado de que ele teria 5 minutos. 5 minutos. Nada além disso. De repente, virei melhor amiga dos cronômetros. Como se fosse possível dizer em 5 minutos o que estava mal resolvido em uma vida toda.

Marcos sentou-se ao meu lado no sofá da irmã dele e colocou a mão sobre a minha. Acho que de novo me senti com 3 anos. Uma parte de mim queria ficar com a mão onde estava. Ele era meu pai, né? Aquele gesto deveria ser algo normal entre pais e filhas. Eu deveria encontrar cuidado, calor, carinho ali. Sei lá! Mas, não. Essa mágica não aconteceu.

Eu não vi unicórnios e nem nada do tipo. Muito pelo contrário. Enquanto o ouvia despejar em

cima de mim as desculpas mais pírias que alguém pode dar ao abandonar a própria filha, quando está diante dessa filha anos depois, tive a certeza que caí no golpe das minhas expectativas. O que eu estava pensando? Achei que uma reaproximação me levaria aos potes de ouro que ficam logo após virarmos à esquerda, quando o arco íris acaba? E ao contrário do que parece, até esse momento eu estava calma. Extremamente calma.

Mas foi uma frase do dono do espermatozoide que me gerou que me tirou do sério: *“Eu disse durante todos esses anos para as pessoas que só tinha um filho”*. Eu não merecia ouvir isso, querido leitor, querida leitora. Não merecia. E não é porque eu sou legal ou qualquer coisa do tipo. Não. É porque não merecia. Enquanto ser humano, sabe? Eu não merecia. Então, quebrando meus próprios protocolos, levantei e despejei nele tudo que eu achei que era direito meu. Nunca me vi daquele jeito. De verdade. Eu me desestruturei.

Falei que ele não tinha o direito de querer culpar minha mãe por nada, porque se ela havia errado em alguma coisa comigo, errou tentando, coisa que ele nem tinha se dado ao trabalho de fazer. Falei que ele jamais ia saber o que era assinar um termo de responsabilidade na porta de um centro cirúrgico e correr o risco de nunca mais ver a filha com vida se algo desse errado. Refresquei a memória dele sobre inúmeros feitos que, teoricamente, eram obrigação dele, mas outras pessoas que tiveram que fazer. Uma cena digna de novela mexicana!

A essa altura, eu já estava sentada no outro sofá, ao lado de dona Maria da Glória. Ela tentou me deter algumas vezes, pedindo para eu parar, mas

não dei ouvidos. Fui em frente. Eu precisava falar. Eu não ia mais conviver com culpas que não eram minhas, não ia me permitir achar que não era suficiente o bastante, não ia deixar por isso mesmo. Márcia, respeitosa com o momento, deu total apoio moral à sobrinha recém aparecida. Não me lembro de muitos detalhes depois disso.

Marcos foi para a área fumar e eu ganhei um copo de água. Chorei. Todos meus esforços de não chorar, não ali, foram em vão. Já recomposta, chamei minha mãe para irmos embora. Eu precisava desesperadamente da minha casa, da minha cama. Passei por ele na garagem e nem dei tchau. Era como se eu já não tivesse mais o mínimo de força no corpo.

Já em casa, passei o resto do dia na cama. Uma parte de mim estava em paz pela história ter tido um ponto final, mas a outra ainda precisaria de tempo e paciência para lidar com tudo. Depois de uns dias, Marcos tentou contato por meio de algumas ligações. Confesso que o atendia. Não sei porque e nem para que, mas atendia. Entretanto, ele só me ligava sob efeito de álcool e isso começou me incomodar.

Ele tem problemas com o vício e como eu não cresci presenciando esse tipo de coisa, decidi que seria melhor rompermos em definitivo. Conversei com minha psicóloga e essa conversa me ajudou a ver algumas coisas com mais objetividade: *“Ju, você precisa de uma figura paterna”*? Ela me perguntou. Concluí que não e foi aí que ela disse que algumas pessoas têm pai, outras têm genitor e eu só tive um genitor.

Com uma voz terna, mas firme, ela disse que eu deveria ser grata por ele ter me dado a vida, senão

ninguém me conheceria, mas não precisava passar disso, afinal não tínhamos um vínculo, nunca teríamos. As palavras de Luiza, nome fictício, serviram para me recolocar nos trilhos. Eu não tinha obrigação alguma para com ele. Tudo bem que essa história veio à tona mais algumas vezes no meu processo terapêutico agora, em 2022, mas esse papo fica para um outro livro. Risos.

É difícil dizer com exatidão como as coisas ficaram desde então. Para ser sincera, ainda tenho uma certa dificuldade de manter um relacionamento com minha família por parte do genitor. Gosto deles, gosto mesmo, mas não consigo ter uma constância na procura. De coração aberto, mandei uma mensagem para minha tia e expliquei o porquê do meu distanciamento involuntário. Mais uma vez, ela me compreendeu e acolheu.

Sempre diz que não concorda com as atitudes do irmão e que, se pudesse, faria mais por mim e pelo outro filho do cidadão. Ela é uma querida. Dona Luzia, a mãe deles, infelizmente já faleceu. Ela foi embora há uns seis ou sete anos em decorrência de um câncer. Foi tudo muito rápido, segundo me contaram. A senhora que não tive a oportunidade de conviver e chamar de avó, era bastante animada, namoradeira e adorava um forró.

Dhiovana sempre diz que ela protegia os netos de tudo e todos e que adoraria saber que tínhamos nos reencontrado. Taí outra dor que não consigo sentir. É triste, claro que é, mas por talvez não ter crescido junto, não partilho do mesmo luto. Apesar de eu os ter procurado para obter certas respostas, aprendi na marra que muitas pontas soltas permanecerão assim. Não há o que fazer.

Os personagens da minha história já viraram as páginas que tentei reescrever. Não os julgo. Tudo isso tirou um peso imenso das minhas costas e hoje sei que eu tinha que passar por essa fase para ser quem sou hoje. As respostas que tive não foram as que eu queria. Não. Foram as que eu precisava ter e tem diferença nisso. Sou grata a todos que estiveram comigo e que ainda seguram minhas mãos.

Muita gente chegou quando eu era menor que sou agora e muita gente tem colado no bonde já com ele andando. Ninguém é perfeito e o importante é ir evoluindo ao longo do caminho, né? Mas também ninguém precisa engolir o que lhe dói só para ficar bem na cena. Devo a Dona Maria da Glória boa parte da mulher que sou hoje.

Ela fez o melhor que pôde e o resultado parece ser bom. Risos. Vez ou outra precisamos fazer ajustes aqui e ali, mas funcionamos bem enquanto uma equipe na maior parte do tempo. Não guardo ressentimentos de ninguém. Não guardo mesmo. Tenho mais o que fazer da vida.

Contar minha história de maneira tão aberta, tão detalhada foi desafiador. É como olhar no espelho, só que com as vísceras à mostra. Mas estes são os pedaços que me moldam. Como toda boa jovem na casa dos 20 e poucos anos, tento encontrar minha identidade para além do que me apresentam, mas não é uma tarefa tão fácil. Como diz uma música que gosto muito: ainda tem muita vida pra acontecer e eu estou disposta a ver o que o universo me reserva. Espero que sejam flores e chocolate.

Este livro foi composto com a fonte
Libre Baskerville corpo 12 sobre 14,4.

Produzido em novembro de 2022.
Todos direitos do ebook estão reservados à autora.

